

**MILA MACÊDO VERÍSSIMO**

**O AMOR E SEUS HIATOS SUBJETIVOS**

**BRASÍLIA  
2021**

**MILA MACÊDO VERÍSSIMO**

**O AMOR E SEUS HIATOS SUBJETIVOS**

Monografia apresentada ao Centro  
Universitário de Brasília como requisito  
básico para a obtenção do grau de  
psicóloga. Professor-orientador: Dr.  
Juliano Moreira Lagôas

**BRASÍLIA**  
**2021**

**MILA MACÊDO VERÍSSIMO**

**O AMOR E SEUS HIATOS SUBJETIVOS**

Monografia apresentada ao Centro  
Universitário de Brasília como requisito  
básico para graduação em Psicologia.  
Professor-orientador: Dr. Juliano Moreira  
Lagôas.

BRASÍLIA, 07 DE DEZEMBRO DE 2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Juliano Moreira Lagôas, Dr. - UniCEUB

---

Prof. Leonor Bicalho, Dr. - UniCEUB

---

Bruno Damando Fujichima – Membro externo

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e ao meu irmão, por todo o apoio e incentivo durante meu curso. Por sempre me lembrarem de como é bom ter a oportunidade de aproveitar as chances que tenho de me debruçar nos estudos em minha área de interesse. Por serem extremamente carinhosos e cuidadosos comigo.

Ao meu orientador, Juliano Lagoas, pelo cuidado em me apoiar no que fosse preciso, por ser extremamente prestativo e sensível em relação às dificuldades que surgiram durante o desenvolvimento deste estudo. Por ter dado espaço para que eu aprendesse a ter autonomia no processo de pesquisa. E, claro, por me apresentar a beleza da pesquisa em psicanálise, sempre incentivando um pensamento crítico diante das temáticas estudadas.

A todos que me acompanham desde o início da minha formação. À Bianca Aquino e Rafaella Rocha, por sempre terem me encorajado a imergir nos percursos que mais me despertam interesse, pela disponibilidade e paciência de me ajudarem no que fosse preciso.

À Rafaella Piquet e Clara Prates, pelo companheirismo, pela preocupação e delicadeza comigo. À minha também companheira de curso, e de vida, Lunna Araújo, pelo carinho e amor diante de todas as minhas incertezas, por ter estado presente e ter sido a minha força nos meus momentos de maior cansaço, além de ter me incentivado a aproveitar cada fase do percurso de nossa graduação.

À Mariana, minha madrinha de curso, que me apoiou e me incentivou do início ao fim de todo o meu percurso na graduação. Agradeço muito pelas trocas de experiências e pela paciência de sempre.

À minha maior parceira nos desafios que envolvem a psicanálise, Fernanda de Melo, por ter estado ao meu lado ao longo de todo o curso, me dando suporte diante das minhas inquietações e dificuldades.

À Giovanna, Vitória e Andressa, que representaram uma das melhores parcerias e companhias que pude ter ao longo da minha graduação. Por todo apoio e por todos os momentos que vivemos juntas.

À minha amiga Thaís, que me proporcionou bons momentos para compartilharmos o interesse que ambas temos no processo de pesquisa.

Às minhas mais preciosas amigas, Ana Clara e Natália, por serem tão presentes, me lembrando da importância que é ter pessoas que estão verdadeiramente junto a mim. Agradeço por se manterem firmes ao meu lado e me darem a leveza das nossas boas e relaxantes conversas.

À minha prima-irmã, Giovanna Veríssimo, por sempre ter demonstrado imenso orgulho pelo que desenvolvi durante a minha graduação, nunca se furtando de me dar espaço para dividir minhas experiências e de me apoiar nos momentos nos quais tive dificuldades.

Às minhas companheiras de estágio, Júlia, Íris, Simone e Fernanda, por terem feito das minhas semanas as mais leves e divertidas. Agradeço por me mostrarem que o nosso trabalho não é reduzido à solidão, mas que inclui a construção de laços.

Ao meu supervisor de estágio, Guilherme, por todos os ensinamentos sobre a prática da psicanálise, por sempre mostrar novos caminhos e possibilidades no que diz respeito à nossa atuação enquanto profissionais.

## RESUMO

Que o amor seja uma das dimensões fundamentais da vida humana, que a história da humanidade não possa ser compreendida sem se levar em conta as profundas transformações operadas pelos sujeitos, pela cultura e pelas instituições sociais no campo do amor, disso provavelmente ninguém haverá de duvidar. O mesmo não se pode dizer, todavia, de afetos menos "nobres", mais indigestos, tais como o ódio e a angústia. Nesta pesquisa, além de discutir as formas como o amor se estrutura na atualidade, sustenta-se que nos é impossível compreender qualquer coisa acerca da lógica de funcionamento e de produção de afetos no campo do amor sem passar por um exame acurado dos modos por meio dos quais a angústia e o ódio atuam no interior desse campo. Frente à condição estrutural de desamparo, e à conseqüente angústia que assola a sua vida, o sujeito têm na formação de laços, e no amor, uma possível saída para a inexorável vivência de seu "desamparo originário" (BIRMAN, 1998). Ainda que Freud (1930/1997) tenha apontado as relações entre os sujeitos enquanto uma das principais fontes do sofrimento humano, é ele mesmo que indica que o amor sexual é uma forma de enfrentamento àquilo que gera sofrimento ao sujeito. Portanto, o amor pode ser visto como uma das maneiras de organização de laços sociais, e, conseqüentemente, como resposta frente ao desamparo. Esta pesquisa teve como objetivo investigar as vivências de amor na contemporaneidade, procurando compreender o papel das experiências amorosas na estruturação das subjetividades e dos processos de sofrimento psíquico. Para alcançar esse objetivo, buscou-se analisar, mais especificamente, a relação de ambivalência entre os sentimentos de amor e ódio na contemporaneidade, os modos como o desamparo é vivenciado pelos casais em nossa época, e o papel da angústia nos conflitos existentes nas relações humanas. Em um primeiro capítulo, foram discutidas a noção de desamparo, de angústia, e suas relações com o amor. No segundo capítulo, foram exploradas questões relativas às experiências amorosas, como identificações, fantasias e linguagem. Além disso, foi evidenciada a relevância, em uma perspectiva psicanalítica, de pensar a vivência de amor a partir do conceito freudiano de ambivalência. Finalmente, o terceiro capítulo foi destinado à análise de um material coletado a partir de entrevistas com pessoas que atualmente estão em um relacionamento amoroso. As discussões se deram com base nas considerações teóricas realizadas nos capítulos anteriores. Como método, foram utilizados os princípios da análise de discurso, em sua matriz francesa, em articulação com os aportes teóricos-clínicos da psicanálise. Desta forma, foi possível verificar que o amor, enquanto discurso, compreende determinadas complexidades, impasses e polissemias. Ademais, observou-se ambivalências presentes nas experiências amorosas, pois estas compreendem vivências que não somente incluem o amor, como o ódio. Percebeu-se o amor enquanto afeto que faz parte da estruturação subjetiva dos sujeitos. Isto porque, em sua relação com o desamparo e com a angústia, o amor assume um papel estruturante, ligado tanto à estruturação de laços sociais, quanto à constituição dos processos de sofrimento psíquico.

**Palavras-chave:** Amor; Psicanálise; Desamparo; Angústia; Ambivalência

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I - OS HIATOS DO AMOR.....</b>	<b>13</b>
1.1 Desamparamo-nos no amor, ou nele nos amparamos?.....	13
1.2 Do desejo ao Real da angústia.....	19
<b>CAPÍTULO II - IMPASSES E POLISSEMIAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA AMOROSA .....</b>	<b>23</b>
2.1 O engodo da relação amorosa: identificação, fantasia e linguagem .....	23
2.2 O sujeito ambivalente e seu “amoródio” .....	25
<b>MÉTODO .....</b>	<b>30</b>
3.1 Procedimentos de coletas de dados .....	31
3.2 Procedimentos de análise.....	32
<b>CAPÍTULO III - O AMOR NO DISCURSO: REFLEXÕES SOBRE LAÇOS E AMBIVALÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>
4.1 Formando laços: o amor frente ao desamparo e o desamparo no amor .....	33
4.2 Sobre as implicações da ambivalência no discurso amoroso .....	43
4.3 A linguagem do amor e algumas reflexões sobre seus impasses .....	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>59</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>64</b>

## INTRODUÇÃO

Os amores existem desde os primórdios da experiência humana. Amor de pai, de mãe, de filho, de irmão, de amigo ou de amante. Mas existem hoje de outras maneiras, seus modos de expressão e de vivência foram mudados e operaram mudanças. Novas ideias sobre as formas de amar foram compartilhadas, os amores são caracterizados de outras formas.

Como dizem Farias e Rodrigues (2011), amamos sem medidas, um amor louco, ou melhor, um “*páthos* amor” (p.2). Um amor patológico, que leva o sujeito à pausa, à espera: goza-se não apenas com a presença de um amor, mas em sua ausência e na espera por sua chegada ou por seu retorno; amor com ar de dor, amor masoquista (FARIAS; RODRIGUES 2011). Porém, apostamos que evitá-lo não é a melhor opção, pois adoecemos pela falta do amor, ou, então, pelas frustrações dele advindas (VIANA, 2019). Nessa mesma perspectiva, Freud (1914/2017, p.20) afirma: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar”.

Falar sobre amor implica considerar que este não é, e nunca foi, o mesmo ao longo da história. Isto é, hoje o amor assume formas bem diferentes das que assumiu na Idade Antiga e nas transições para outros períodos históricos, tendo suas práticas e características passado por numerosas mudanças até a chegada da contemporaneidade. Dessa maneira, convidar a discutir o amor é também um convite à ideia de que este assume sentidos históricos, em devir, em constantes transformações.

Na Grécia Antiga, marcada pela mitologia, tem-se a figura de Eros como Deus do amor. Como explica Guimarães (2010), Eros inicialmente é visto como aquele que oferece harmonia em meio ao caos, com sua energia organizadora e unificante. Posteriormente, se distanciando dessa primeira concepção, Eros se corporifica, ganhando uma fisionomia: é um jovem com asas, carregado de um arco e flecha que o ajuda a gerar paixões, de acordo com o que bem entender (GUIMARÃES, 2010). Na história de Eros, quando Psyché causa inveja em sua mãe, Afrodite, este é ordenado a operar uma vingança contra a primeira, em função da aparência desta ter superado a de sua mãe. Entretanto, Eros e Psyché acabam se relacionando, e a história torna-se marca, na mitologia grega, das experiências do amor e do desejo.

Sobre a história do amor conjugal no Ocidente Moderno, Priore (2007) elabora um breve resumo e destaca que, na Idade Média, a reforma gregoriana definiu que os

clérigos teriam de respeitar o celibato, e os casados, seguir a monogamia. Durante esse mesmo período, os ritos matrimoniais apontavam para a existência de alianças com interesses relacionados à transmissão de patrimônio, preservação de linhagens e distribuição de poderes, ou seja, eram relações que representavam mais a ligação entre duas famílias do que a ligação entre duas pessoas, como temos atualmente (PRIORE, 2007).

A Idade Média foi caracterizada, também, por um amor bem conhecido, o amor cortês (VIANA, 2019). Esse período foi marcado pelo trovadorismo, um movimento literário e poético que desenvolvia uma poesia marcada pela exaltação de um amor infeliz, com dois personagens em cena: o poeta, que repete seus lamentos incontáveis vezes, e uma bela, que o rejeita repetidas vezes (ROUGEMONT, 1988). No amor cortês, o sexo em si é colocado em segundo plano, há um cunho enigmático nesse amor, que muitas vezes aponta para a demanda de reconhecimento do outro: nesse caso, a dama que acena, olha para o cavaleiro e sorri, somente para dar-lhe esperança (LUCERO, 2011).

Ao mesmo tempo em que os amores impossíveis eram cantados pelos poetas, teólogos reforçavam o dito de São Jerônimo: “adúltero é também o marido muito ardente por sua mulher”, já que em um contexto no qual a antiga moral cristã atribuía a sexualidade apenas a função procriadora, os maridos não poderiam amar apaixonadamente suas esposas (PRIORE, 2007). Tal ideia teve sua base no estoicismo, para o qual o homem considerado sábio seria aquele que ama sua esposa com discernimento, em vez de paixão, estipulando um “amor contido” em relação ao casamento, e um “amor paixão” fora do matrimônio (PRIORE, 2007).

Já na Idade Moderna, conforme aponta Priore (2007), surgiram três mudanças primordiais: a centralização do estado, com conseqüente invasão de áreas que, anteriormente, não haviam sido penetradas por este; as reformas protestante e católica, com a igreja mais atenta à moral dos fiéis; e a propagação da leitura e dos livros, que alimentou a existência de certas representações compartilhadas e comuns a respeito de temáticas como o amor, o pecado e a paixão.

Assim sendo, na modernidade, surge uma nova ordem nas formas de estruturação das sociedades, e começa a aparecer um amor ligado à sexualidade e à paixão, com predominância do erotismo nas relações conjugais, o que já envolve um novo ideal de casamento, no qual os cônjuges devem se amar, ou, ao menos, aparentá-lo, e ter

expectativas em relação a esse amor, bem como sobre a felicidade no matrimônio (ARAÚJO, 2002). Desse modo, a modernidade, com o amor romântico, concebeu uma nova forma de relacionamento, provocando reflexos nos modos de vida social, pessoal e familiar.

Sobre o amor em um cenário atual, Santoro (2016) comenta como tem se deparado, em seu consultório, com pacientes que utilizam aplicativos de relacionamentos, como *Tinder*, *Badoo* ou *Lovoo*, à procura de parceiros amorosos, citando um exemplo de relato (p.167): “É tudo igual, no começo vai bem, parece que encontramos o príncipe, mas daí ele vira um sapo e sai do ar de repente”. Assim, a autora aposta em alguns questionamentos (p.167): “O que a psicanálise tem a dizer sobre o amor nos tempos da *internet*?”, “Seria o amor virtual um sucedâneo do amor cortês?”.

Que o amor seja uma das dimensões fundamentais da vida humana, que a história da humanidade não possa ser compreendida sem se levar em conta as profundas transformações operadas pelos sujeitos, pela cultura e pelas instituições sociais no campo do amor, disso provavelmente ninguém haverá de duvidar. O mesmo não se pode dizer, todavia, de afetos menos "nobres", mais indigestos, tais como o ódio e a angústia. Resistimos em admitir que esses afetos estejam incluídos em nossa constituição mais originária, que sejamos "naturalmente" odiadores angustiados, ou que esses afetos não sejam menos característicos de nossa formação psíquica do que aqueles outros, mais aparentemente agradáveis, e, portanto, mais facilmente reconhecíveis como "humanos". É incontornável, entretanto, admitir não apenas que o ódio e a angústia são alguns dos afetos mais básicos da história humana, mas, mais do que isso, que nos é impossível compreender qualquer coisa acerca da lógica de funcionamento e de produção de afetos no campo do amor sem passar por um exame acurado dos modos por meio dos quais o ódio e a angústia atuam no interior desse campo. E é sobre a necessidade, pertinência e viabilidade desse exame que esta pesquisa pretende se debruçar.

Quanto ao ódio, a história anuncia: guilhotina, escravidão, guerras mundiais, fascismo, ditadura, guerra fria ou o atual conflito árabe-israelense. Nessas experiências, outros afetos - em meio a uma série de interesses políticos - também estiveram em cena, mas a agressividade, denunciada por discursos de ódio, é significativa.

Em relação à angústia, também não surpreende que este seja um dos afetos que melhor caracterizam o mundo contemporâneo. As inseguranças e medos marcam o modo de experienciar as vivências cotidianas. Assim, sabemos que a angústia existe nos

relacionamentos - com suas diversas faces de inseguranças - mas até que ponto elaboramos sobre isso, diante das nossas relações?

Com a aposta de que os três afetos citados se entrelaçam de maneira bem específica na atualidade, arrisco a propor as seguintes indagações: como amamos atualmente? Quais as nossas condições para amar o outro? Em que aspectos a angústia exerce impacto nas formas dos sujeitos se relacionarem? De que maneira ela se liga aos modos de sofrer na atualidade? Qual é o papel da angústia na relação ambivalente entre amor e ódio?

Postas essas questões, levo em consideração que o mal-estar no sujeito da atualidade se mostra como efeito de um excesso e da ausência de sentido na experiência psíquica, o que é revelado pelo lugar ocupado pela ação, pelos sentimentos e pelo corpo, além dos empobrecimentos em registros como o pensamento e a linguagem (BIRMAN, 2004). É por essa lógica que Birman (2004) afirma: “O excesso está no fundamento do mal-estar contemporâneo. Assim, face ao excesso, o psiquismo procura dele se livrar pela ação, para não correr o risco de ficar paralisado pela angústia” (p.185).

Apostando nessa observação sobre o mal-estar na contemporaneidade, abre-se um caminho fecundo para se pensar a ambivalência dos afetos - amor e ódio, em um cenário de vida atual. Já não é inabitual que nos deparemos com posições que parecem ser geridas pelo ódio. Não é preciso ir muito longe para exemplificar. Afinal, nada tem representado tão bem a conexão *online* dos sujeitos hipermodernos quanto a prática de cancelamento em redes sociais. O imperativo “vamos cancelar!” fez nascer situações em que os que “pecam”, aos olhos de quem opina, são “anulados”. O sentido parece ser o seguinte: é preciso que todos estejam sempre bem atentos no que um determinado sujeito faz ou não faz. Pois é certo que em algum momento ele vai desviar-se do que dele se esperava, e então surge uma ocasião na qual o excesso, característico do mal-estar contemporâneo, é convertido em ação. Aquilo que excede é subjetivado na forma de ódio, de violência.

Uma situação que exemplifica essa movimentação nas redes sociais, foi o caso de Alinne Araújo, que, de acordo com o portal *Aqui Águas Claras* (2019), ao ser abandonada por seu noivo, um dia antes da cerimônia de casamento, decidiu aproveitar a festa já organizada e se casar com ela mesma. A atitude gerou revoltas nas redes sociais, já que Alinne foi apontada como alguém que apenas queria chamar atenção com a situação. Após o ocorrido, a jovem cometeu suicídio. Trata-se de um caso de extrema delicadeza e que reflete possíveis consequências de risco aos sujeitos que passam por esse modo de linchamento virtual.

Com isso, a afirmação de Freud (1930/1997), em *Mal-estar na civilização*, segundo a qual as relações humanas são uma das principais fontes do sofrimento que assolam a vida do sujeito, é cada vez mais carregada de sentido. Esse argumento deve ser levado em conta para se pensar as angústias experienciadas pelos sujeitos, os discursos de ódio e as formas como as relações amorosas se desenvolvem, no momento em que vivemos. O estabelecimento de laços sociais é uma maneira, para os sujeitos, de se posicionarem face sua condição de desamparo, marcada pela vivência de afetos como o amor, o ódio e a angústia. Assim, o que podemos pensar sobre relações amorosas nas quais os sujeitos estabelecem laços sociais e elaborem maneiras de sustentar o real da angústia?

Com base nestas considerações, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar as vivências de amor na contemporaneidade, procurando compreender o papel das experiências amorosas na estruturação das subjetividades e dos processos de sofrimento psíquico. Para que o alcance deste objetivo fosse possível, buscou-se analisar, mais especificamente, a relação de ambivalência entre os sentimentos de amor e ódio na contemporaneidade, os modos como o desamparo é vivenciado pelos casais em nossa época, e o papel da angústia nos conflitos existentes nas relações humanas.

## CAPÍTULO I - OS HIATOS DO AMOR

Este primeiro capítulo é dedicado à discussão sobre o desamparo e a angústia na existência humana, com foco nas experiências de amor. Inicialmente, o esforço é por pensar de que forma a angústia está relacionada ao desamparo, sendo este uma condição mais fundamental da vida humana. Em seguida, busca-se pensar o amor como uma possível via através da qual os sujeitos encaram a angústia. A ideia é considerar o amor enquanto uma possível saída para a angústia. Para estes fins, foi importante circunscrever alguns determinantes sociais, ideológicos e culturais nos quais os sujeitos configuram suas experiências de subjetivação. Assim, foram abordadas algumas questões sobre o neoliberalismo e o sofrimento psíquico.

### 1.1 Desamparamo-nos no amor, ou nele nos amparamos?

Para iniciar uma discussão sobre o amor, suas implicações, desdobramentos e impasses na atualidade, faço referência à Alain Badiou e Nicolas Truong (2009) em *Elogio ao Amor*. Em suas considerações, Badiou e Nicolas comentam sobre um “amor securitário” (p.13), no qual a experiência de amar seria tida como uma vivência de total ausência de riscos. Os autores se utilizam da publicidade do site francês de relacionamentos, *Meetic*, com *slogans* como “tenha o amor sem ter o acaso”, ou “você pode amar sem cair de amores” (p.13), para evidenciar o fato de que, nesse tipo de publicidade, bem como na forma com que o amor muitas vezes é concebido na atualidade, tem-se um amor com “seguro total” (p.13), em que o sujeito ama, mas a expectativa é que ame com um planejamento estruturado, para que assim não se esvaia no risco de amar.

Essa concepção de amor está certamente relacionada à forma como as sociedades atuais estão organizadas, bem como ao impacto do modo de vida contemporâneo em cada sujeito. Isto já parece ser o suficiente para que nos interroguemos sobre quais as características de vida dos sujeitos contemporâneos e quais as implicações destas nas suas formas de amar.

Para Macêdo (2012), as sociedades atuais possuem, como ideais, a autonomia individual, a liberdade e o enaltecimento narcísico do sujeito, inclinado ao consumo e ao gozo, aderindo a uma ética que inclui a exigência do sucesso e o autocentramento. As características da contemporaneidade foram descritas por Han (2012) de forma a

evidenciar a passagem de uma sociedade da disciplina a uma sociedade do desempenho. O autor aponta como, no primeiro modo de organização social, os sujeitos seriam dominados pelo verbo “dever”, enquanto, no segundo, a dominação se daria pelo verbo “poder”. A substituição do "dever" pelo "poder" serve aos ideais de produtividade, já que a partir de um certo ponto de produção, o dever se depara com certos limites (HAN, 2012). O filósofo oriental expõe (p.13):

O apelo à motivação, à iniciativa e ao projeto é muito mais efetivo para a exploração do que o chicote ou as ordens. Como empreendedor de si mesmo, o sujeito de desempenho é livre, na medida em que não está submetido a outras pessoas que lhe dão ordens e o exploram; mas realmente livre ele não é, pois ele explora a si mesmo e quicá por decisão pessoal.

Na atualidade, o homem legisla em sua própria causa, acreditando ser possível alcançar todo o gozo, como afirmam Torezan e Aguiar (2011). Os sujeitos, atualmente, tentam eliminar de suas vidas uma condição fundamental à subjetividade do ser humano: a ausência de um objeto que possa satisfazer completamente seus desejos, e uma subjetividade estruturada por um vazio inevitável (TOREZAN; AGUIAR, 2011). Os autores comentam que, atualmente, a tecnologia e a ciência operam na direção do controle, da manipulação, da racionalização, e, conseqüentemente, da exclusão do sujeito; na direção de anular o limite, a falta e a diferença.

Convém notar que essas são características da forma como o capitalismo neoliberal opera. Verifica-se que a contemporaneidade é atravessada por aspectos relacionados às novas formas de vida, em que o mal-estar dos sujeitos está ligado a uma condição de excesso, à perda de sentido de suas experiências psíquicas (BIRMAN, 2004). É importante ressaltar que, para além de uma política econômica, o neoliberalismo é, mais fundamentalmente, uma racionalidade que não se restringe a organizar a ação daqueles que governam, mas inclui as próprias maneiras de se comportar dos governados (DARDOT; LAVAL, 2016).

Frente a este cenário, o amor assume sua posição própria em relação às conseqüências que os ideais atuais exercem nos relacionamentos. Sobre isso, Han (2012) afirma que o amor, relacionado à sexualidade, é submetido à “ditadura do desempenho” (p.15). Nesse sentido, não dá para amar o outro, só será possível consumi-lo, diz o filósofo. Entre os ideais sobre o amor que perduram até a atualidade, Ferreira (2004) faz menção à existência de um mito do amor, no qual o impossível é convertido em

interdição, com o intuito de que se mantenha a promessa de felicidade. Estes, portanto, são aspectos que bem caracterizam as formas atuais de amar.

Sobre experiências amorosas, Ferreira (2004) explora a relação entre amor e verdade, como uma forma de ressaltar um ponto de vista laciano segundo o qual ambos possuem estrutura de ficção, funcionando como uma tela que protege os sujeitos da angústia frente a enigmas indecifráveis. Segundo ela, diante da indecifrabilidade, o sujeito é instigado a saber mais e mais sobre o amor, afeto que leva ao cometimento de atos desvairados e ridículos, captura-nos e tem a capacidade de nos fazer simultaneamente tristes e felizes.

Portanto, observa-se que as experiências amorosas estão também relacionadas às características de um modelo neoliberal de vida. Um dos aspectos que descrevem esse cenário, para Macêdo (2012), é o aumento de uma sensação de vazio, junto à intensa procura por objetos que preencham esse hiato, em busca de dar sentido à existência. Assim, os modos de sofrer na atualidade compartilham como característica a falta de referência, bem como traços de desamparo (MACÊDO, 2012).

O desamparo faz parte dos modos de sofrimento contemporâneos. E, em psicanálise, é condição fundamental da existência humana, podendo se manifestar sob a forma de sensação de impotência do sujeito, assim como apontar para a incapacidade de satisfação pulsional diante do outro, o que o coloca frente à experimentação da perda e à angústia. (CAMPOS; SILVA, 2020). Assim, o que está em jogo no desamparo é a impossibilidade de acessar o objeto que proporcionaria satisfação plena (BESSET, 2002).

Com Freud (1917/1996), observamos que a angústia relacionada ao desamparo remete, originalmente, ao “ato do nascimento” (p.426), em que existem sensações corporais, desprazer e descargas que surgiram diante de uma ameaça de vida, e que são repetidos na forma de angústia. O nascimento seria o “momento inaugural da angústia, protótipo de todas as situações ulteriores de perigo, um primeiro trauma que, ao lançar o sujeito numa vivência de desamparo, acarretaria para o eu um excesso de quantidades de estímulo impossível de ser descarregadas” (FONSECA, 2009, p.39). Entretanto, o desamparo não tem relação somente com o período em que o recém-nascido está desamparado e dependente de um outro, mas este também denuncia a impossibilidade do bebê de enfrentar certas exigências, inicialmente fisiológicas - o que inclui necessidades vitais - e posteriormente uma demanda por afeto, reconhecimento, amor, linguagem e palavra (CECCARELLI, 2009).

Segundo Macêdo (2012), a questão do desamparo, em Freud, aponta para diferentes dimensões: o desamparo relacionado à renúncia pulsional, e o desamparo como imanente à vivência em sociedade. Assim, durante sua obra, Freud associa o desamparo à ausência da experiência de satisfação, e, mais adiante, como uma condição que acompanha o sujeito por toda a sua vida (MACÊDO, 2012).

Birman (1998) observa que, em 1930, Freud considera o conflito entre o registro da pulsão e o da civilização como de ordem estrutural, não sendo possível que o sujeito se desloque de sua posição de desamparo. A partir disso, o autor expõe a ideia de “gestão do desamparo” como uma forma de gestão dessa posição indeslocável. Além disso, explica que, para Freud, em 1930, a sublimação implicaria na “horizontalização” das relações do sujeito com os outros, pela organização dos laços sociais. Compreende-se disso que, na obra *O Mal-Estar na Civilização*, sublimação e erotismo não se opõem, e então a “gestão do desamparo” implicaria e se estenderia às esferas ética e política (BIRMAN, 1998).

Diante de tais considerações, a ênfase dada à organização dos laços sociais permite apontar para a formação destes enquanto construção imaginária e simbólica dos sujeitos frente ao desamparo (CECCARELLI, 2009). Em outras palavras, para que vivam, os sujeitos constituem laços afetivos, a fim de enfrentar sua condição de desamparo (MACÊDO, 2012). Frente às principais fontes de sofrimento pontuadas por (1930) - o mundo externo, o nosso próprio corpo e os relacionamentos com os demais seres humanos - o sujeito tem o amor sexual como uma forma de enfrentamento, bem como o tem enquanto busca da felicidade. Nesse sentido, o amor pode ser visto como uma das maneiras de organização de laços sociais, e, conseqüentemente, como resposta frente ao desamparo.

André (2001) buscou pontuar distinções entre desamparo e angústia. Para o autor, o desamparo representa, simultaneamente, um perigo e o impacto psíquico deste perigo. Em seguida, acentua: “o desamparo não é desamparo de...A angústia é sempre angústia de...Certo, desde Freud temos razão de fazer lembrar que o próprio da angústia é ser ‘sem objeto’. Mas esse ‘sem objeto’ não significa a não-existência. É antes a marca de um objeto em reticências” (ANDRÉ, 2001, p.104).

Deste ponto, é possível notar uma distinção entre desamparo e angústia que ressalta a concepção do desamparo enquanto condição da vivência em sociedade, ao passo que a angústia surge como afeto que, frente ao desamparo, denuncia “a marca de um objeto em reticências” (ANDRÉ, 2001, p.104). Desamparo e angústia se relacionam à

experiências de perdas e à possível sensação de impotência do sujeito em relação à posse de seu objeto amado. Isto porque, ao idealizar o desejo do Outro, o sujeito acaba por não conseguir vivenciar o desamparo, senão sob a forma do sentimento de impotência.

Macêdo (2012) ressalta a reflexão freudiana de que o sujeito criou a civilização ao tentar minimizar seu desamparo frente à potência da natureza, da morte e das incógnitas da vida. Como comenta a autora, o desamparo remete à experiência de não estar protegido, de estar à mercê, que geralmente é vivenciada sob uma forte angústia, e acaba por escancarar a necessidade de um outro. Lagoas e Chatelard (2019) comentam que a criança, em função da ausência de recursos do aparelho psíquico para responder às exigências da vida, fica “inteiramente suspensa ao outro” (LACAN, 1959-60/2008, p.53, apud LAGOAS; CHATELARD, 2019). É com o auxílio desta perspectiva que sustenta-se aqui a relação entre desamparo, angústia e amor, já que os sujeitos amam diante de suas vivências de desamparo, formam laços sociais, mas sem que sejam isentos da angústia.

Dito de outro modo, desamparados, os sujeitos da contemporaneidade se deparam com a angústia, que “nasce da libido não empregada e substitui o objeto amoroso faltante por um objeto exterior ou uma situação”, como expõe Freud (1917/1996, p.439). Na conferência sobre *A angústia* (1917), ele explica que o afeto se relaciona a repressão de um impulso que se ligava à libido, que é transformada em angústia. Para essa pesquisa, é essencial considerar a posição irremediável de desamparo do sujeito e suas relações com a angústia nas experiências amorosas.

Expostas algumas considerações sobre desamparo, amor e angústia, faz-se então coerente a exploração do que compreende-se como angústia na psicanálise. Intimamente ligada ao amor, a angústia, aqui discutida enquanto conceito psicanalítico, passou por diferentes compreensões ao longo da obra freudiana.

É possível dizer que existiram dois diferentes momentos sobre a angústia em Freud. Em uma primeira teoria, a angústia é percebida sob um prisma econômico, isto é, como uma grande quantia de energia sexual que acomete o sujeito e que seria aliviada a partir de uma descarga (JORGE, 2007). Interditada essa descarga, o sujeito é tomado por um afeto intenso de desprazer, vinculado à sexualidade (JORGE, 2007). Logo, a transformação do excesso de libido em angústia originou a tese de que “a angústia decorre do recalque” (FUKS, 2001). A angústia, então, seria um modo de expressão de uma excitação acumulada (DAL-CÓL; PALMA, 2011). O sujeito, interditado em sua satisfação sexual, se angustia (PEREZ, 2021). Nesse sentido, em *As pulsões e seus*

*destinos*, Freud (1915/2016) procurou pontuar possíveis destinos das pulsões. Um dos destinos por ele pensados é, justamente, sua transformação em angústia.

Em uma segunda teoria, a angústia é compreendida como um “sinal de alarme” (JORGE, 2007, p.37), uma reação à separação ou à perda de um objeto intensamente investido. Em outros termos, ao questionar a causa da angústia, Freud nota nesta uma função de defesa diante de um possível perigo, que, como Dal-Cól e Palma (2011) observam, em se tratando de uma angústia neurótica, “o perigo é a própria sexualidade do sujeito” (p.382). Esse segundo momento corresponde à discussão de Freud (1926/2001) em *Inibição, sintoma e angústia*, quando este discorre sobre seu paciente, o Pequeno Hans, e conclui que o afeto de angústia não proveio da repressão, mas do agente repressor. A angústia produziu a repressão, não o inverso (FREUD, 1926/2001). Esta surge enquanto afeto que representa uma reação a uma condição de perigo que pode acarretar na experiência de desamparo (FONSECA, 2009).

A angústia não é mais uma consequência da castração, mas produz a castração: nesse ponto, Freud nota que nem toda satisfação de pulsões sexuais implica em prazer (PEREZ, 2021). Podem existir situações, a partir de mandatos sociais ou regras normativas, em que a satisfação do impulso é desprazerosa para o sujeito, e é aí que ele se angustia (PEREZ, 2021). Esta seria, portanto, uma segunda compreensão sobre a angústia na teoria freudiana.

Ainda sobre a angústia em psicanálise, Perez (2021) comenta que Lacan, além de retornar às duas primeiras teorias freudianas sobre a angústia, trabalha as noções heideggeriana e kierkegaardiana de angústia. Nesse sentido, em uma perspectiva lacaniana, o sujeito se angustia diante do objeto de desejo, frente àquilo que acena como objeto de desejo (PEREZ, 2021). Assim, se Freud fala de uma angústia diante da perda do objeto, Lacan compreende o surgimento da angústia justamente na aproximação desse objeto (JORGE, 2007).

Fonseca (2009) discorre a respeito de uma aparente contradição entre Freud e Lacan: para o primeiro, a angústia não tem objeto; para o segundo, não há angústia sem objeto. Assim, Lacan aborda a questão da angústia a partir do objeto *a* (FONSECA, 2009). A questão é que este não é um objeto do campo empírico-sensorial, mas compreende algo de inapreensível, que não é passível de representação, do registro do real (FONSECA, 2009). Para Lacan, a angústia é como um traço do real que adentra o imaginário, ou seja, diz respeito à intrusão do real no imaginário (JORGE, 2007).

A partir da compreensão do objeto *a* enquanto objeto de desejo (FONSECA, 2009), percebe-se, então, que o desejo está relacionado à angústia. Dal-Cól e Palma (2011) entendem o desejo como a outra face da angústia; assim, afirmam que a psicanálise evidencia que a angústia é um afeto que o sujeito experimenta diante das vicissitudes de seu próprio desejo. Nesta pesquisa, o que interessa é destacar a relação existente entre angústia e amor. Dessa forma, apontar a ligação entre a angústia e o desejo é um ponto importante para que se possa pensar este afeto em meio às experiências de amar. Assim sendo, destaca-se: não há amor se não houver desejo, o qual não existe sem a falta (COSTA, 2016). Depreende-se destas reflexões outro ponto importante para essa pesquisa: a angústia, enquanto afeto presente nos relacionamentos amorosos da atualidade, sinaliza a relação que os sujeitos têm com seu próprio desejo. É com base nesta ideia que a seguinte sessão foi desenvolvida.

## **1.2 Do desejo ao Real da angústia**

Em Lacan, o desejo não está ligado à necessidade em uma perspectiva fisiológica. Isto porque o sujeito é inserido no campo do simbólico, da linguagem (COSTA, 2016). Ou seja, é por meio dos significantes do Outro que a necessidade passa para o campo da demanda, em que o sujeito espera pelo reconhecimento e pelo amor (COSTA, 2016). Para Ferreira (2004), é a inserção no simbólico que instaura o desejo e diferencia o humano dos demais seres vivos. A partir dessas observações, é possível pensar o desejo enquanto elemento que singulariza o ser humano e complexifica suas experiências de amar.

Em uma articulação entre filosofia e psicanálise, Costa (2016) expõe a ideia de que desejo e amor não apontam para um caminho em direção à completude, ou para algo que conduziria à felicidade, mas justamente para o encontro incontornável com uma falta estrutural. Como a autora comenta, a falta remete ao próprio desejo, visto que não há objetos que preencham a lacuna existente; ao contrário, eles apenas a reafirmam. Ao se ver desamparado, o sujeito encontra seu suporte em um objeto perdido, que se torna o objeto causa de seu desejo (MAIA; CALDAS, 2011). Ferreira (2004) salienta que é em consequência da existência de uma falta estruturante que os sujeitos amam.

Nesse sentido, Farias e Rodrigues (2011) sustentam que o amor se relaciona ao objeto *a*. Como expõem, o sujeito amante oferta àquele que ama a sua própria falta, confiando que o amado detém o que lhe falta. Entretanto, já que o objeto está perdido, o encontro é da ordem do impossível. O sujeito busca encontrar o que lhe poderia ser

complementar, mas se depara somente com um “objeto suplementar” (MAIA; CALDAS, 2011, p.111).

Sobre o conceito de objeto *a*, a partir de uma leitura lacaniana, Guedes (2010) explica que este aponta para a falta, que não há no real e só pode ser apreendida a partir do simbólico. É por meio do simbólico e do imaginário que surge o esforço de preenchê-la (GUEDES, 2010). Nesse sentido, “o objeto *a* se refere à experiência, a cada vez reeditada pelo sujeito desejante, da falta no objeto”, como exposto por Derriba (2005, p.74).

Nota-se que o conceito de objeto *a* assume uma posição relevante para psicanálise, não apenas por conferir uma dimensão positiva à falta, mas pelo apontamento da falta enquanto algo que irrompe no momento presente de uma análise (DERRIBA, 2005). Nesse sentido, Guedes (2010) comenta que, em um processo de análise, o que se visa é o real, ou a chance de fazer algo com ele - que é relacionado ao objeto *a*. Segundo o autor, o objeto *a* “aponta para o não senso, o que no discurso do paciente lhe traz angústia e causa seu desejo” (p.172). Considerando que as experiências amorosas dos sujeitos têm grande espaço na clínica, é possível perceber a relevância deste conceito não só na psicanálise como teoria, mas nos desdobramentos do trabalho clínico e no que tange ao tema deste estudo.

Sobre o amor, observamos que este escancara duas posições, a do sujeito enquanto amante e a do objeto enquanto amado: aquele que é tomado pela experiência de algo que falta, assume a posição de amante; o outro, que obstante não saiba o que possui, percebe ter algo que o faz especial e assume a posição de amado (Ferreira, 2004). O paradoxo está no fato de que o que falta para aquele que ama é justamente aquilo que o amado não possui. É nesse sentido que Lacan (1960-1961/1992) afirma: “Amar é dar o que não se tem a alguém que não o quer”. Assim, o sujeito nunca está mais em risco do que quando ama, pois fica a mercê da vontade e do gozo do Outro, algo que não ocorre sem que se veja frente a angústia da possibilidade de perdê-lo ou de se perder nele (MANJARRÉS; FRANCO, 2018).

Sobre o amor em uma perspectiva lacaniana, Caldas (2008) ressalta que este é inicialmente situado no registro do imaginário. Posteriormente, Lacan atribui um outro espaço ao amor, ligando-o ao real, não no sentido de ser como uma máscara, mas como um semblante, que não encobre, e sim delinea o ponto até onde se pode chegar de encontro ao real e ao gozo (CALDAS, 2008). É preciso esclarecer, então, que o Real é um dos registros descritos por Lacan, junto ao simbólico e ao imaginário. Na verdade, ele

poderia ser descrito como aquilo que precisa ser excluído do simbólico para que este possa se constituir (CHAVES, 2009).

Dessa forma, conclui-se que é possível pensar o Real em diferentes experiências subjetivas, bem como considerar seu conceito como central para se discutir as vivências humanas. Cada vez mais, urge a necessidade de se utilizar de uma ideia que aponte para as dimensões irrepresentáveis da existência humana, para as inconsistências da linguagem nos processos de comunicação, assim como para os elementos intraduzíveis que fazem parte das situações vividas por nós. Nesse sentido, com a utilização do conceito de Real, almeja-se abarcar ao menos um rastro desses aspectos, tornando plausível apontar para a existência de um impossível de se representar. Tal contribuição teórica, o desenvolvimento e a discussão sobre Real enquanto construto, é de grande importância para a Psicanálise, visto que esse campo se depara, ou busca dar conta, em certa medida, das vicissitudes, paradoxos, ambivalências e inconsistências dos sujeitos.

O simbólico já não poderia mais abarcar o Real da experiência psicanalítica (CHAVES, 2009). Ou seja, através da percepção de que o simbólico, enquanto dimensão da linguagem, não seria capaz de abranger tudo que os sujeitos experienciam, a instância do Real foi concebida como aquela que remete ao que é da ordem do impossível, ao que não pode ser representado, nem por palavras, nem por imagens. Sobre a articulação do Real com *Das ding* (A Coisa), talvez esta se dê no âmbito ressaltado por Mattos Filho e Teixeira (2014), ao afirmarem que a Coisa é “o próximo estritamente real” (p.208), estranho, imprevisível, que não é circunscrito pela palavra. Conforme Lagoas (2016) “ao contrário de uma exterioridade infável e inacessível, a Coisa é aquilo com o que, do complexo perceptivo, o ‘eu’ - ou melhor dizendo, uma parte dele, seu núcleo - mantém uma relação de intimidade, de semelhança” (p.110). A Coisa se revela como aquilo que, no campo da representação, representa o vazio (LAGOAS, 2016). Nesse sentido, dada essa relação com o vazio, com o inacessível, *Das ding* estabelece sua ligação com o conceito de Real.

Descritas algumas articulações teórico-clínicas sobre o Real, nota-se suas aproximações com a angústia, aspecto central para esta pesquisa, à medida que a angústia tem seu objeto não em algo do mundo físico ou sensível, mas em algo de uma dimensão aterrorizante e infável, associada a *Das Ding* e ao próprio registro do Real. É por essa razão que discutir a dimensão do Real nos aproxima da questão da angústia, que, por sua vez, nos permite a exploração das vivências da inquietude e do desamparo diante das

relações amorosas. Pois, “falar de amor já é trabalhar os limites do representável” (ORLANDI, 1990, p.75).

Para concluir, destaca-se que pensar o amor, atualmente, exige que nos interroguemos a respeito das posições que o sujeito ocupa, em seus discursos, tanto socialmente, quanto economicamente e culturalmente falando. Esta é uma perspectiva assumida por esta pesquisa. Além disso, busca-se ressaltar, neste estudo, que falar sobre amor também diz respeito a pensar processos de identificação dos sujeitos, bem como considerar a presença do ódio em meio às relações amorosas.

## **CAPÍTULO II - IMPASSES E POLISSEMIAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA AMOROSA**

Como dito anteriormente, este segundo capítulo aborda alguns elementos importantes para se pensar as experiências amorosas de um ponto de vista psicanalítico. A intenção foi evidenciar o modo com que o amor se liga, mais essencialmente, à maneira como o sujeito se identifica subjetivamente. Isto inclui suas idealizações, fantasias e seu investimento libidinal em determinado objeto. Portanto, a primeira seção deste capítulo foi dedicada a pensar estes aspectos. Já em uma segunda seção, evidenciou-se a relevância de ter a vivência de amor como algo que inclui a ambivalência; ou seja, partiu-se da ideia de que experienciar o amor inclui as vivências de ódio, sendo estes afetos coexistentes na subjetividade humana.

### **2.1 O engodo da relação amorosa: identificação, fantasia e linguagem**

Em *Introdução ao narcisismo* Freud (1914/2017) faz algumas observações sobre o sujeito apaixonado e seu investimento libidinal no objeto amado. Em suas considerações, afirma que estar apaixonado diz respeito ao alastrar da libido em direção ao Eu, havendo a exaltação do objeto sexual à ideal sexual (FREUD, 1914/2017). Desse modo, a libido do objeto alcança sua forma mais elevada em seu desenvolvimento quando o sujeito está apaixonado, já que este desinveste de si em prol de um investimento no objeto (FREUD, 1914/2017). Com a introdução do narcisismo secundário, há a inclusão de uma matriz imaginária que presidirá uma série de ideais, bem como relações imaginárias de inveja, ciúmes, agressividade e rivalidade (FERREIRA, 2004).

Aquele que ama, idealiza o objeto de amor no qual investe libidinalmente. Conforme Freud (1914), há uma supervalorização do objeto amado, o que acarreta no empobrecimento do próprio Eu do sujeito no que tange à libido, em benefício do objeto amado. Com Lacan (1960-1961/1992, p.64), vemos que este objeto pode representar a mais elevada autoridade para o sujeito que ama:

Um exército feito de amados e amantes seria um exército invencível, na medida em que o amado, para o amante, tanto quanto o amante para o amado, são eminentemente suscetíveis a representar a mais alta autoridade moral, aquela diante da qual não se cede, aquela diante da qual não se pode ser desonrado. Essa noção alcança, no seu ponto extremo, o amor como princípio do sacrifício último.

Ainda com Lacan (1960-1961/1992), observamos uma concepção já antes abordada neste estudo: o que caracteriza o amante é o que o falta, mesmo que este não saiba exatamente o que é isso que lhe falta. Já o amado é aquele que não sabe o que possui. Pensar o amor nesta perspectiva de algo que falta ao sujeito, de um hiato, de uma lacuna ou vazio, nos permite aproximar a experiência amorosa à vivência do desamparo. Frente à sensação de desprazer nestas experiências, com o objetivo de garantir algum alívio diante de uma realidade desprazerosa, o sujeito constrói fantasias, as quais têm, em si, um encargo duplo: manter algumas lembranças vivas, bem como encobrir e impedir que recordações desprazerosas sejam acessadas (MARTINS, VORSATZ, 2018). Como explica Tyszler (2014), o sujeito vê o que chama de realidade a partir do prisma da fantasia.

A questão é que, em suas relações amorosas, o sujeito se depara com a falta, com o desamparo imanente à vivência em sociedade e às relações com o outro, e fantasia seu objeto de amor. Visto que é impossível que esse objeto se configure de fato como algo que completa o sujeito (JORGE, 2002), os hiatos da experiência amorosa possivelmente causam angústia e escancaram a existência da fantasia como uma proteção à verdade, elas são “fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a certas recordações. Servem, simultaneamente, à tendência a aperfeiçoar as lembranças e à tendência de sublimá-las” (MASSON, 1985/1986, p.241).

Para Caldas (2010), a fantasia, como formação do inconsciente, sustenta a realidade psíquica e o sintoma do sujeito, possuindo estrutura análoga à de um delírio. Jorge (2010) propõe uma distinção conceitual entre delírio e fantasia. O autor salienta, por exemplo, que o delírio não provoca efeitos no corpo, se manifesta somente de forma mental, ao contrário das fantasias histéricas, que surgem enquanto sintomas conversivos.

A fantasia pode ser vista enquanto algo que impede o acesso à uma verdade intolerável, mas também pode ser compreendida como uma “verdade imaginária rechaçada” (ABEL, 2011, p.51). Em relação ao amor, é possível considerar que as fantasias surgem ao passo que este inclui o sujeito na dimensão do desamparo e de sua incompletude. As fantasias tocam o discurso amoroso à medida que, por exemplo, o sujeito espera ser amado da mesma maneira que ama o outro (BAYDOUN; MEDEIROS, 2013). No amor, a fantasia neurótica tem no outro um ideal, o objeto amado seria capaz de suprir todas as faltas e eliminar a angústia (BAYDOUN; MEDEIROS, 2013). É por essa razão que, nesta pesquisa, destaca-se a importância de se considerar a presença das fantasias nas experiências subjetivas do amor.

Caldas (2010) comenta que o discurso do amor se dá diante do encontro com um outro, em que há algo que causa desejo e mobiliza o sujeito frente ao gozo. A fantasia assume, portanto, um papel nodal neste encontro, que inclui o desejo e o gozo sexual. Com a psicanálise, sabemos que o amor é como um engano, já que representa uma união inevitavelmente faltosa; todavia, é também um encontro vivido com uma sensação de certeza análoga àquela produzida pela psicose (CALDAS, 2010).

Ainda, outra perspectiva importante a ser salientada sobre o amor é a relação deste com a linguagem. Incluir o amor nesta dimensão compreende afirmar que este não está isento dos maus entendidos e equívocos da linguagem. Quando pensamos o amor enquanto discurso, atestamos que trata-se de um discurso privilegiado no que tange à relação do sujeito com sua subjetividade (ORLANDI, 1990). Ao aproximar o amor do campo da linguagem, pensando em sua estruturação enquanto discurso, Baydoun e Medeiros (2013) ressaltam o caráter polissêmico da linguagem e frisam a possibilidade de pensar no amor a partir do axioma lacaniano do 'inconsciente estruturado como linguagem'. A esse respeito do, Jorge (2002) afirma:

O amor se atém à passagem do que cessa de não se escrever para o que não cessa de se escrever. É nesta intersecção entre os regimes simbólico e imaginário que o amor se inscreve, sendo assim, o amor é essencialmente produção de sentido. [...] O amor visa produzir sentido para fazer face à falta de sentido radical inerente ao regime do real originário.

Nessa perspectiva, na presente pesquisa, busca-se seguir a mesma lógica proposta por Orlandi (1990): a intenção não é interpretar o discurso do amor em suas contradições, mas pensar a forma com que ele contraditoriamente produz sentidos. Sendo assim, parte-se da concepção de que este discurso tange o impossível, tendo por condição de realização a sua contradição, já que na contradição, ele significa (ORLANDI, 1990).

## **2.2 O sujeito ambivalente e seu “amoródio”**

Uma possível maneira de se compreender o amor, é tê-lo enquanto a experimentação do mundo a partir de dois, e não de um. Com efeito, o amor seria uma “experiência pelo prisma da diferença” (BADIOUS; TRUONG, p.20). É verdade que coabitar com a diferença pode incitar as mais variadas reações dos sujeitos: curiosidade, interesse, espanto e fascínio, ou até mesmo as posições mais eivadas de ódio. É por esta razão que o amor, como afeto que escancara nossas experiências de identificação e, ao mesmo tempo, posiciona-nos frente à diferença, será aqui abordado correlativamente ao

conceito freudiano de ambivalência, construto que possibilita admitirmos a coexistência do amor e do ódio.

O sujeito tem uma atitude, em relação a um objeto, de desejo e abominação, trata-se de uma coexistência de correntes pulsionais não conciliáveis: essa é a ambivalência (FREUD, 1913/2013). Compreendendo-a enquanto existência simultânea, em uma relação referente a um mesmo objeto, de sentimentos que, em tese, seriam opostos, como o amor e o ódio (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001), tomamos o ódio enquanto um afeto elementar nas discussões sobre o amor. Por isso é que a ambivalência pode ser destacada como um conceito importante para se pensar o mundo contemporâneo. Sobre o assunto, Allouch (2009) afirma que Lacan cunhou o termo “hainamouration” no sentido de afastar qualquer concepção binária de ambivalência. “Hainamouration” pode ser traduzido, em português, como “amoródio”, evidenciando a existência desse neologismo como palavra que indica a presença concomitante tanto do amor (amour), como do ódio, da raiva (haine), nas experiências de enamoramento (IACONELLI, 2012)

Com Flanzer (2006), é possível notar que, no decorrer das obras freudianas, o ódio é descrito como um afeto anterior ao amor, pois ele existiria desde o início, de maneira primitiva, fazendo parte da constituição mais básica do sujeito. Ademais, a autora comenta que, como consequência de uma frustração em relação ao objeto amado quando este oferece desprazer, o amor tende a se reverter em ódio. Sobre essa reversão, Lemos (2019) sustenta que o sujeito tenta, através do amor, garantir uma satisfação, se esforçando por incorporar objetos que promovem prazer, e expulsar aqueles que promovem desprazer. A autora afirma que, entretanto, quando não é possível incorporar esse objeto, o sujeito o repudia com o ódio.

Inerente ao ser humano, o ódio resulta da hostilidade com o Outro, que impede o sujeito de chegar a uma completude integral, de acordo com Flanzer (2006). A autora conclui sua argumentação afirmando que o ódio é efeito de situações em que o sujeito se frustra diante do Outro, que, afinal de contas, não lhe ofereceu a completude ambicionada. O sujeito esperou uma resposta do Outro, mas só tem acesso a dizeres incompletos.

Percebe-se, então, que o amor guarda relações com o ódio. Ambos os afetos, assim como as ligações entre eles, fazem parte da subjetividade humana. Por isso, pensar a ambivalência é também considerá-la como uma marca inextinguível que remete a laços primitivos da ligação entre sujeito e objeto, reunindo, simultaneamente, impulsos de ternura e de hostilidade, inerentes aos sujeitos em instituições sociais (CORRÊA, 2019).

Amor e ódio fazem parte dos processos de identificação dos sujeitos, pertencem às bases constituintes do psiquismo e das relações socioculturais (CORRÊA, 2019).

Em *Totem e Tabu*, Freud (1913/2013) discute a ambivalência sob o ponto de vista dos achados de sua pesquisa antropológica. Relacionando acontecimentos antropológicos à existência de afetos ambivalentes, ele recorda como alguns povos consideram determinados animais como sacros, e, ao mesmo tempo, criam rituais totêmicos em que o mesmo animal é morto e serve de refeição sagrada (DUNKER, 2017). O exemplo nos permite estabelecer relações entre o conceito de ambivalência e diferentes realidades antropológicas e culturais, ressaltando a perspectiva estruturante do amor e do ódio enquanto afetos ambivalentes.

Por fim, avançando na discussão sobre o ódio em relação ao amor, identifica-se a necessidade de realizar alguns apontamentos sobre a ideia de agressividade em psicanálise. E, principalmente, ressaltar seu papel constitutivo e sua posição nos processos de identificação dos sujeitos.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2016) discute aspectos relacionados à noção de agressividade. Nesse momento, ele debate o construto de pulsão de morte ao se atentar a fenômenos clínicos como sonhos traumáticos, brincadeiras infantis - utilizando-se do exemplo do “*Fort-da*”- neuroses traumáticas, sadismo e masoquismo. Ele observa que, nessas situações, o princípio do prazer provavelmente não estaria vigente, o que o fez buscar novas explicações através da noção de compulsão à repetição (SECOTTE; DIONISIO, 2018). Sobre isso, uma perspectiva frisada aqui é a seguinte: quando Freud pensa a pulsão de morte, não a define simplesmente enquanto um retorno ao inanimado, mas aponta para uma dimensão pulsional que não é representável, e que justamente por essa razão configura-se como um excesso (FORTES, 2008).

A respeito da agressividade, na perspectiva de Lacan, percebe-se que este aponta a identificação narcísica e a estrutura do eu como fundamentos da agressividade (Ferrari, 2006). De um ponto de vista lacaniano, não existe identificação sem agressividade, nem agressividade sem identificação, a relação com o outro tem algo de fundamentalmente agressivo, mesmo que essa agressividade seja sublimada (FERRARI, 2006).

Sabemos que, para Lacan, a agressividade se relaciona com o estádio do espelho. Kives (2017) expõe a ideia: no estádio do espelho, a identificação com o outro envolve uma alienação, em que há uma espécie de indistinção entre o que é seu e o que é do outro. O autor explica que é nesse contexto que a agressividade em relação ao outro pode ser compreendida como atuante na direção de uma separação que constitui a relação eu-outro.

Outra forma de compreender a agressividade, para Halperin (2018), é percebê-la enquanto uma maneira de buscar ligação, ainda que destrutiva. Para o autor, ela pode ser uma forma de noticiar para o outro o ressentimento, o anseio por amor e por proteção.

Sobre o assunto, Gering (2018) examina brevemente a forma como a agressividade é observada na teoria psicanalítica, explicando que esta pertence a um “jogo de projeções”, produzidas na dialética de identificações entre o eu, o objeto e o outro. Flanzer (2006, p. 218), ao comentar as relações existentes entre o amor e o ódio, condensa vários dos argumentos anteriormente abordados:

As relações amorosas caracterizam-se por conterem uma mesclagem com o ódio, determinando para o sujeito a experiência de que, a cada encontro não realizado, a cada investimento não correspondido, a cada desejo não satisfeito, o que se lhe desponta é o mais primitivo e chamuscante ódio.

Ainda sobre a agressividade, Freud (1932/2005), em *Porque a Guerra?*, expõe que os humanos possuem instintos que têm a tendência de unir e preservar, denominados “eróticos”, e instintos que têm a tendência de destruição, os “agressivos” ou “destrutivos”. Concluindo seu raciocínio, Freud (1932/2005) defende que não há como eliminar por completo os impulsos agressivos dos seres humanos, e tudo que está a favor dos vínculos emocionais entre os humanos atua em oposição à guerra. Assim, expõe relações similares àquelas com um objeto de amor, a identificação e o compartilhamento de interesses, como formas de combate à guerra.

Este assunto faz pensar nas especificidades relacionadas à formação de laços sociais no presente. Considerando a relação entre sujeito e civilização averiguada por Freud ao longo de sua obra, conjectura-se que a concepção de civilização adotada por este relaciona-se à experiência moderna de fazer laço social, já que se trata de uma maneira de sociabilidade pautada na auto-regulação (PINHEIRO; LIMA; OLIVEIRA, 2006).

Ao discutir o amor, o temos como um dos afetos relacionados aos laços sociais concebidos pela humanidade, e observamos que a ausência do objeto amado coloca o sujeito diante do desamparo e da infelicidade (BESSET, 2002). Mais uma vez, destaco que pensar nas possibilidades de formação de laços requer considerar aquilo que Birman (1998) denominou “gestão do desamparo”. Afinal, o desamparo do sujeito, que aponta para a experiência da castração, é consequência inevitável de sua existência na linguagem (BESSET, 2002).

Enfim, ressalta-se que pensar o amor implica considerar que este e o ódio são coexistentes. Diante da investigação das experiências de amor na atualidade, do esforço de se pensar as posições que os sujeitos ocupam em suas relações amorosas, é necessário interrogar as posições e papéis desempenhados pelo ódio nos discursos do amor. É preciso investigar o amor em suas complexidades e ambivalências. Ademais, as reflexões sobre o amor e o ódio, na atualidade, são potenciais discussões para se pensar o modo como nos relacionamos no presente, de forma ampla, visto que cada vez mais a atualidade é marcada por contextos de intolerância e hostilidade.

## MÉTODO

Considerando que é a teoria, o objeto e o objetivo que definem qual é o método mais adequado à pesquisa (ROSA; DOMINGUES, 2010, p.180), a estratégia metodológica adotada por este trabalho foi a "análise psicanalítica do discurso" (DUNKER, PAULON e MILÁN-RAMOS, 2016), filiada à Escola Francesa de Análise do Discurso (ORLANDI, 2015), de abordagem qualitativa e natureza exploratória. Com o intuito de investigar o amor e suas possíveis ambivalências, o estudo teve, como objetos de análise, discursos ligados a vivências amorosas na atualidade.

Esta pesquisa se insere no cenário daquilo que Freud chamou de psicanálise "extramuros", e Lacan, de "em extensão", uma vez que aborda problemáticas relativas a fenômenos sociais e políticos fora do contexto estrito do tratamento clínico (ROSA; DOMINGUES, 2010), ao propor a reflexão sobre novos modos de relacionar-se, de amar, em contextos de insistente repetição do ódio e da angústia como formas de expressão.

A escuta psicanalítica dar-se-á em campos nos quais a temática do amor é debatida de inúmeras formas, uma vez que o inconsciente se faz presente em diversas manifestações humanas e, portanto, mesmo contextos não-clínicos podem se fazer valer dessa estratégia. Ainda, o desejo dos pesquisadores é levado em consideração na investigação, dadas as relações transferenciais e contratransferenciais que se apresentam no curso do estudo. Reconhece-se que “existe uma prática de análise de discurso já contida no método psicanalítico” (DUNKER, PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016, p. 7). A afirmação assenta-se na definição de psicanálise dada por Freud (1923/1996) em “Dois verbetes de enciclopédia”: “[...] (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica” (p. 253).

A Escola Francesa de Análise de Discurso (AD) toma como tarefa a análise do funcionamento dos discursos, objetivando “explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação” e, a partir daí, “compreender como as relações de poder são significadas, são simbolizadas” (ORLANDI, 2015, p. 10). Na perspectiva da AD, a linguagem não é transparente nem àquele que fala, nem àquele que ouve. Ela comporta equívocos, opacidades, deslocamentos e não-sentidos, materializados nas formas simbólicas da ideologia e do inconsciente.

De acordo com a estratégia de “análise psicanalítica de discurso” as pesquisas desenvolvidas neste trabalho se orientaram por uma dupla exigência metodológica: (i) a escuta dos sujeitos envolvidos na situação investigada (no caso, entrevistas semiestruturadas), buscando-se explorar e descrever os acontecimentos por ela concernidos, e (ii) a transformação do material em “texto”- considerado não como “dado linguístico”, mas como “fato discursivo” (ORLANDI, 2015, p.67) -, analisado a partir dos dispositivos e procedimentos de interpretação propostos pela AD, na intersecção com as teorias e conceitos psicanalíticos. Portanto, não se trata de mera “observação”, mas de um processo instruído pela concepção de que “o campo observacional é construído na interação entre o pesquisador e seu interlocutor, num processo de realimentação mútua” (ROSA; DOMINGUES, 2010, p. 185). Assim, em vez de “coleta” de dados empíricos, trata-se, antes, da construção de um campo observacional.

Cumprindo aqui, deixar claro que, na pesquisa psicanalítica, o método não é uma fórmula pronta desde o princípio da investigação, mas uma construção que se realiza no decorrer da própria pesquisa. Isto porque, à medida que o discurso psicanalítico propõe como temática central a singularidade e as idiossincrasias das modalidades de expressões do inconsciente, não faz sentido falarmos em um método universal, isto é, cuja validade está dada antecipadamente ao próprio processo de investigação.

### **3.1 Procedimentos de coletas de dados**

Primeiramente, foi realizada a submissão do projeto à apreciação do Comitê de Ética do UniCeub. Em seguida, foi feito o recrutamento dos participantes. Participaram da pesquisa 02 (duas) pessoas, do sexo feminino e masculino, acima de 18 anos, ambas em um relacionamento amoroso, atualmente. O recrutamento foi feito através de um questionário, via *Google Forms*, no qual possíveis participantes responderam a questões sociodemográficas básicas, além de algumas questões gerais a respeito da temática do estudo. No questionário, estes prováveis participantes responderam uma última questão que autorizaria, ou não, que a equipe pesquisadora entrasse em contato com estes. Uma vez autorizado o contato, foram enviados *e-mails* para alguns destes possíveis participantes. As entrevistas foram realizadas com os dois primeiros que aceitaram participar desta etapa da pesquisa.

Assim que houve a aceitação dos participantes, foi solicitada a assinatura do TCLE (Apêndice A). Posteriormente, foram agendados encontros, via *Google Meet*, com cada um dos participantes, separadamente, para a realização de entrevistas

semiestruturadas, com um roteiro composto por algumas perguntas norteadoras (Apêndice B). Tais encontros tiveram a duração aproximada de 1 hora e 30 minutos, cada um.

### **3.2 Procedimentos de análise**

Para a análise do material, foram adotados os seguintes procedimentos: (i) identificação das posições subjetivas dos participantes no discurso; (ii) localização de pontos de interrupção da fala, atos falhos, esquecimentos, repetições, paráfrases, metáforas e metonímias; (iii) evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; (iv) levantamento de hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas dos entrevistados; (v) análise das cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas dos participantes; (vi) identificação de elementos de expressão não-verbal.

### **CAPÍTULO III - O AMOR NO DISCURSO: REFLEXÕES SOBRE LAÇOS E AMBIVALÊNCIAS**

Com base nas considerações realizadas nos capítulos anteriores deste estudo, o presente capítulo será dedicado a algumas reflexões e discussões feitas a partir das entrevistas efetuadas com os participantes desta pesquisa, os quais serão aqui referidos pelos nomes fictícios Luísa e Bernardo.

Luísa tem 22 anos, é uma mulher cisgênero, heterossexual, e namora há seis anos, tendo a maior parte de seu relacionamento acontecido à distância, o que representou uma série de impasses à participante. Já Bernardo tem 36 anos, é um homem cisgênero, homossexual, e se relaciona há nove anos, sendo casado há sete.

#### **4.1 Formando laços: o amor frente ao desamparo e o desamparo no amor**

Ao pensar na angústia diante das relações amorosas, nos remetemos de pronto a algumas falas de Luísa, que denunciam a presença de algo estranho, a presença de um afeto aparentemente inominável e que nos escancara o Real na vivência do amor, bem como sua relação com a angústia. O trecho destacado, logo abaixo, seguiu de um momento da entrevista no qual Luísa comentava sobre a importância que atribui ao diálogo em uma relação, afirmando que costuma conversar e ser muito sincera com seu parceiro. Após ser questionada sobre se, em algum momento, percebeu ter guardado algo para si, sem dialogar com seu namorado, a participante respondeu:

Eu sou uma pessoa assim que...Eu não consigo...Muitas vezes...Muitas vezes não, às vezes já aconteceu de eu querer guardar pra poder evitar a situação de ter que conversar, sabe? Mas eu sou o tipo de pessoa que eu não dou conta de ficar guardando. Às vezes acontece alguma coisa que me chateou e eu fico assim um, dois dias guardando aquilo, mas parece que chega um momento que chega a me sufocar...

Sobre este trecho, algumas considerações podem ser feitas. A primeira, talvez uma percepção mais evidente, é sobre a presença do Real da angústia na sensação de sufocamento sentida pela participante. “Chega um momento que parece que chega a me sufocar”, diz Luísa. É possível sustentar que a sensação de sufocar-se diante do não dizer, comentada pela participante, evidencia uma forma com que a angústia aparece em uma relação amorosa. Neste mesmo trecho, também é possível arriscar que, logo no início, quando diz “Eu sou uma pessoa assim que...Eu não consigo...Muitas vezes...Muitas vezes não, às vezes”, Luísa comete o que compreende-se na psicanálise como ato falho. Este é

descrito por Freud (1916/2014, p.25) enquanto “lapso verbal [Versprechen], que ocorre quando alguém, pretendendo dizer uma palavra, diz outra em seu lugar, podendo a pessoa notar ou não o equívoco”. Esse lapso na fala é falho apenas na perspectiva da consciência, já que, no que tange ao inconsciente, mais se trata de um ato bem-sucedido - pois, por meio deste, a verdade do sujeito é desvelada, mesmo que à revelia do eu (JORGE, 2002).

No caso de Luísa, apesar desta indicar sua dificuldade de se haver com situações nas quais nem tudo é dito ao parceiro, “Eu não consigo...”, a participante apresenta, em seguida, uma contradição em sua fala: “Muitas vezes...Muitas vezes não”. Aqui, é concebível que o bem-sucedido do ato de Luísa pode ter sido justamente o apontamento para que, sim, os momentos de sufocamento e angústia, diante do não-dito na relação, podem ser até mais frequentes do que o esperado.

Em seguida, na entrevista com a participante, diante do questionamento sobre como era vivenciado, por Luísa, esse tempo de um ou dois dias, em que alguma coisa estava sendo guardada, a resposta foi a seguinte:

Ah, eu acho que é um sentimento de aflição, e eu sou uma pessoa muito ansiosa, então se eu to sentindo uma coisa e eu sinto a vontade de falar, quanto mais eu guardo, *mais isso vai me deixando pior e parece que vai sufocando a gente, é uma sensação inexplicável de ter que ficar guardando uma coisa que não foi legal, pra gente né...Ficar assim “nossa, eu poderia falar”, então né...*

Neste ponto, o trecho grifado pode remeter, mais uma vez, ao conceito lacaniano de Real e à angústia frente ao Real da experiência amorosa. Tanto o Real, enquanto algo de irrepresentável para o sujeito (CHAVES, 2009), como a angústia, que na sua irrepresentabilidade, aponta para o próprio Real, transparecem na “sensação inexplicável” de Luísa. Neste ponto, ressalta-se a perspectiva de Orlandi (1990), quando argumenta que falar de amor é se haver com os limites da representabilidade.

Na entrevista com Bernardo também foi perceptível a presença de alguma angústia. Entretanto, de um modo um pouco mais velado. Notou-se que o seu tom de voz, bem como a presença de pausas mais acentuadas durante algumas de suas falas, podem anunciar o comparecimento de algo de angustiante no que tange às relações amorosas do participante. Com isso em vista, destaca-se um trecho extraído da entrevista com Bernardo, em um instante no qual este comentava sobre sua crença de que, se um relacionamento começa conturbado, termina conturbado. Ao falar mais sobre isso, comenta sobre uma relação passada, a terceira relação amorosa que teve em sua vida:

*A terceira...(pausa maior).* A terceira foi bem complicada, porque é um relacionamento que tinha muito apelo sexual, é...A gente não tinha qualquer tipo de similaridade. De gostos, de nada (tom de voz mais baixo). Eu era...Eu sempre fui muito...Nunca gostei muito de balada, não sei o que, *nanana*...Eu sempre gostei muito de estar com pessoas. Eu sou uma pessoa muito sociável, então eu sempre queria tá com muita gente, mas eu gostava de ir pra bar, eu gostava de sentar no boteco e ficar até tarde, não sei o que...E o Rodrigo era mais de...de sair a noite, se drogar, fazer acontecer. Eu falei hmmm, não tô pra isso (risos).

Ao longo desta fala, alguns elementos podem ser destacados, a fim de ressaltar a hipótese de que algo da ordem da angústia perpassa as experiências de amor que Bernardo teve ao longo da vida. Inicialmente, salienta-se uma pausa, bem mais acentuada do que as demais em seu discurso, em sua fala, após dizer “A terceira...”, fazendo menção ao seu terceiro namoro. Ressalta-se que, dentre todas as vivências amorosas que o participante relatou durante a entrevista, este terceiro namoro foi o único que o mesmo mencionou enquanto uma relação ruim, que em seu ponto de vista teve um fim “conturbadíssimo”. Sendo assim, é plausível considerar que a pausa existente, logo após citar o terceiro relacionamento, indique que algo de angustiante se presentificou.

Nota-se, também, que, não uma única vez, durante a entrevista, Bernardo sua fala até o ponto de que essa se tornasse quase incompreensível, o que contribuiu para que aquilo que intencionava comunicar não tenha ficado muito evidente. Estes momentos não raramente se seguiram da onomatopéia “nanana”, como no trecho destacado acima. Este ponto poderia não indicar algo de relevante em relação às discussões aqui desenvolvidas, mas o fato de ter acontecido mais de uma vez durante a conversa, chama a atenção. Em outro momento, Bernardo comenta sobre uma das únicas brigas que conta ter tido em seu atual relacionamento:

Foi logo depois que a gente casou...(pausa maior)...Que a gente teve uma briga mesmo. Que eu descobri que ele usava o *Grindr* fora, não sei o que, *nanana*...Nunca...Parece que nunca fez nada, mas usava, aquela coisa...Que não era bem um ciúme, era quebra da confiança, que a gente já teve uma briga séria por causa disso.

Neste trecho, o participante também tem a mesma entonação em seu discurso: acelera sua fala a ponto de que seja praticamente incompreensível, e segue com “nanana”, num ponto em que, aqui se arrisca comentar, poderia ser justamente o ponto de maior angústia em seu discurso. É o instante em que Bernardo vê irromperem suas inseguranças

e possíveis incertezas quando comenta sobre sua descoberta de que seu parceiro usava o *Grindr*, um aplicativo de relacionamentos, durante o casamento. Inclusive, este foi o mesmo aplicativo em que o participante conheceu seu parceiro, Pietro. Salienta-se, além disso, que novamente houve uma pausa maior em um ponto da fala de Bernardo, evidenciada no fragmento acima. A pausa logo foi seguida pela mudança de entonação e de fluxo no discurso, como também havia ocorrido no trecho mencionado anteriormente.

No momento em que começa a descrever algo de possivelmente inquietante e indigesto para ele mesmo, Bernardo tem essa modificação no fluir de sua fala. O participante comenta “não sei o que, nanana”, o que pode apontar para o distanciamento de algo que pode lhe causar desprazer. Neste ponto, hipotetiza-se o surgimento da angústia no sentido abordado por Fonseca (2009): o afeto como algo que expressa uma forma de reagir perante a experiência do desamparo. Considerando o amor enquanto uma maneira de formar laços sociais e se proteger do desamparo, supõe-se que Bernardo encontrou, em seu relacionamento, uma via para se haver com a sensação de estar desamparado, sensação esta imanente à vivência em sociedade, como pensou Freud (1930/1997). Considerar a possibilidade de que seu parceiro tenha outras vivências para além do casamento, sendo este um acordo entre ambos, fez surgir, em Bernardo, tanto o ciúmes, ou algo “que não era bem ciúmes, era quebra de confiança”, quanto a angústia, bem como supôs-se anteriormente. O que o participante enfatiza, em sua fala, é a confiança que, provavelmente, fragmentou-se diante de algo que não havia sido planejado por ambas as partes.

Algo que atesta, novamente, a incerteza do participante perante o que está a relatar, conforme ele diz: “parece que nunca fez nada, mas usava”. Destaca-se o que Bernardo fez questão de pontuar: “mas usava”. É possível considerar que, mesmo que seu parceiro não tenha concretizado nada em ato, como se relacionar com outros homens fora de seu casamento, o que é marcado pelo participante é que, de qualquer modo, *ele usava* o aplicativo. Tão somente o fato de estar fazendo uso do *Grindr* pôde fazer com que o participante se visse capturado por alguma incerteza. Neste ponto, questiona-se: o que isto implica em relação às fantasias de Bernardo? Se nos atentarmos às fantasias enquanto algo que impede que acessemos uma verdade intolerável (ABEL, 2011), podemos cogitar que ao pensar “mas usava”, Bernardo parece dar vazão a algumas fantasias. Hipotetiza-se que o participante dê espaço para pensar situações nas quais seu atual parceiro se relaciona com alguém para além de seu casamento, e, nesse sentido, suas fantasias podem ser as mais singulares possíveis.

Algo interessante a se notar é que, em outro momento da entrevista, o participante apontou a lealdade como algo muito importante em sua relação. A respeito disso, afirma:

A lealdade é você poder contar e confiar no outro. Pro bom e pro ruim, tá? Então até no sentido do outro poder dizer, por exemplo, que já não tem mais interesse, é...é...Já não se sente mais com o mesmo afeto que tinha por você, ou pelo mesmo desejo que tinha por você. Até isso, pra mim, é lealdade. Aliás, é o principal talvez, né? Essa *transparência da relação*.

Bernardo afirma que tem uma relação transparente, por ele compreendida como um relacionamento no qual há espaço para que contem e confiem um no outro - tanto para o que entende enquanto bom, quanto para o que compreende como ruim. Para o participante, isto tem a ver com lealdade, que, por sua vez, talvez seja o aspecto principal de uma relação. Além disso, ao comentar sobre a possibilidade do outro dizer “que já não tem mais interesse” insinua-se a presença de uma fantasia de ser abandonado. Esta, possivelmente, aponta para a dificuldade de tolerar a presença de um outro ao seu lado, já que, supostamente, todos podem ser traidores que o abandonam (CALLIGARIS, 2004). Este trecho da entrevista remete, então, ao que Fink (2007) comenta a respeito de uma fantasia fundamental dos sujeitos: a de que se desempenha uma função, de vítima de paixões que são punitivas, num papel de objeto desejado e usado pelo outro.

Instantes depois, ao prosseguir sua fala, o participante diz: “Eu não me importo, por exemplo, que o Pietro flerte com pessoas. *Desde que isso não se concretize (risos)*”. Neste ponto, Bernardo denuncia novamente as fantasias que estruturam seus modos de relação ao outro. Não há problema que seu marido flerte com outras pessoas, desde que isso não seja posto em ato. Nota-se aqui uma semelhança deste trecho da fala do participante com o anteriormente discutido, quando Bernardo comenta “mas usava”.

Portanto, evidencia-se um possível impasse no discurso do participante. Apesar de pontuar a “transparência da relação” como algo extremamente presente para ele, tão presente a ponto de não se importar que Pietro flerte com outras pessoas para além de seu casamento, o participante também escancara um instante de hesitação frente a esse elemento tão importante. Ao destacar que Pietro, por mais que não fizesse nada, usava o aplicativo *Grindr*, Bernardo indica a ação de algo que já foi feito por seu parceiro: usar o aplicativo. Fantasias podem surgir tanto ao pensar na possibilidade de que algo se concretize, quanto ao pensar que de qualquer modo o marido usava o aplicativo. A questão é que, na primeira fala, há a suposição de que a segurança é garantida pela não concretização, mesmo que haja flerte. Já a segunda aponta para o fato de que, mesmo que

não tenha acontecido nenhum envolvimento do parceiro com outra pessoa, este já usava o aplicativo, portanto, a não concretização não parece garantir sua segurança frente a suas próprias angústias. Este seria um possível impasse em seu discurso.

Em continuidade com as demais reflexões, pensadas ao longo das entrevistas, retornaremos ao que foi abordado com a participante Luísa. Algo que pôde ser notado, ao longo de sua fala, foi o surgimento frequente de diferentes maneiras de negar algo em seu discurso. A respeito disto, acentuam-se alguns trechos de ditos de Luísa. Após ser questionada sobre como foram seus seis anos de relacionamento, a participante prontamente respondeu:

Nós somos muito amigos, muito sinceros, *a gente não tem* esse negócio de ficar escondendo...O que sente, o que pensou, a gente fala abertamente e nesse tempo também a gente *nunca* teve uma briga séria, sabe? De discutir, de ficar sem se falar, ou de terminar e voltar, *a gente nunca teve isso. Assim...No má...*Discussões e desentendimentos a gente já teve...Que eu acho que qualquer pessoa que se relaciona com outra há muito tempo, uma hora elas vão divergir em algum pensamento

No final desta fala, Luísa enfatiza uma percepção um tanto habitual sobre relações, não somente amorosas, mas algo que constitui uma característica do que é estar junto a um outro: qualquer pessoa que se relacione há muito tempo, em algum momento divergirá de pensamento com o outro. Isto porque estar com um outro implica uma diferença. Recorda-se que, conforme Badiou (2009), o amor é uma experiência vivida pelo prisma da diferença. Até este ponto, não há nada de muito surpreendente na fala da participante. Porém, é interessante notar que é já no início da entrevista que Luísa começa a utilizar expressões que conotam negação. Para a participante, ela e o namorado “não tem esse negócio de ficar escondendo...”, e “a gente nunca teve uma briga séria”. Posteriormente, Luísa afirma que, em sua relação, “Nunca fica assim com aquele sentimento de rancor, de que poderia ter falado mais coisas ou de que ficou de mal...Nunca tem isso”. A participante expressou enfaticamente que não há brigas realmente sérias em seu relacionamento, bem como frisou o fato de que não escondem nada um do outro.

Destacam-se também outros momentos, durante a entrevista, em que Luísa frisou a negação em sua fala. Em certo ponto de seu discurso, comentou sobre a reação de seu namorado sobre a sua mudança para Palmas para fazer faculdade: “E assim, como eu passei só aqui, e vim prá cá, é muito bom ver que ele se alegra com isso, sabe? *Não tem egoísmo*”. Em outro instante, ao falar sobre a questão de viver um relacionamento à distância, Luísa afirmou: “era uma das coisas que mais me afetava com relação à

distância, e...Mas assim, *nunca passou pela...Pelo menos, pela minha cabeça*, a possibilidade de terminar o namoro, sabe?”. Este último trecho pode remeter ao que Freud (1937/2018, p.4) comenta a respeito de formas de confirmações indiretas, exemplificando: “uma delas é uma forma de expressão utilizada com muito pequena variação pelas mais diferentes pessoas: ‘nunca pensei’. Isso pode ser traduzido, por: ‘Sim, o senhor está certo dessa vez - sobre meu inconsciente’”.

Nesta série de falas da participante, algo que pode ser notado é a rejeição de algo, como o fato de que “*não tem egoísmo*”, ou que nunca pensou na possibilidade de terminar seu namoro. Nota-se que a própria rejeição afirma a existência do que foi rejeitado. Para se pensar estes trechos destacados na entrevista, salienta-se a compreensão de Freud (1925/2014) sobre a negação nos discursos do sujeito: entendemos que se trata de uma rejeição [*Abweisung*], por projeção, de um pensamento que surgiu no momento. Quando discute essa questão, Freud (1925/2014) nos oferece o seguinte exemplo da fala de um paciente em trabalho analítico: “Você agora vai pensar que eu quero dizer algo ofensivo, mas não tenho de fato essa intenção” (p.276). A negação [*Verneinung*] aponta para ocorrências paradoxais em que o sujeito busca, deliberadamente, distanciar objeto e representação, ainda que saiba que, na perspectiva do desejo, “um é a verdade do outro” (SAFATLE, 2014, p.33). Através da negação, o conteúdo - do pensamento ou da representação - que fora reprimido, pode ganhar espaço na consciência (FREUD, 1925/2014).

Sobre a *Verneinung*, Lagoas (2016, p.121) afirma:

O sujeito acaba por enunciar aquilo que ele quer, ou que ele é, mas que só pode reconhecer subtraindo-se no enunciado e invertendo sua posição na relação com o outro. Com efeito, a negação assume a forma de uma admissão invertida. Tudo se passa como se o sujeito dissesse ‘não gostaria que você pensasse que eu quero aquilo que eu quero’, e o símbolo da “denegação” acrescentasse ‘mas, para que você saiba o que eu quero, preciso lhe anunciar o que eu não quero’.

É nesse sentido que os trechos de falas destacados apontam para uma rejeição que por si só afirma a existência do que foi rejeitado. Com a negação, há uma afirmação. Dadas as frases ditas por Luísa, é possível considerar que esta, através de sua negação repetitiva e enfática a respeito de algumas características de seu relacionamento, denuncia certa “aceitação intelectual do reprimido” (p.277), em que algo que foi reprimido pode penetrar a consciência, contanto que seja negado. Ainda, convém o destaque de elementos em algumas das frases ditas por Luísa, que possivelmente escancaram outra

perspectiva a partir dessas negações: ao falar que nunca teve uma briga séria com o namorado, em seguida a participante comenta que “Assim...No máx...Discussões e desentendimentos a gente já teve”. Embora estivesse negando enfaticamente a existência de brigas, este é um momento em que Luísa titubeia, deixando escapar em sua fala “Assim...No máx...”, fragmento que pode indicar uma dimensão de incerteza, algo que aponta para a ideia de que a negação sustentada pela participante rejeita um pensamento que surgiu em sua consciência, como expôs Freud em 1925.

A fim de concluir algumas das reflexões a respeito da função na negação no discurso de Luísa, ressalta-se ainda o seguinte trecho da entrevista, em que a participante comenta sobre o ciúmes em sua relação:

Ele também tem ciúmes, mas não é aquela coisa, assim...Aquele sentimento de posse, sabe? Não é uma coisa doentia...E...(olhando pra baixo)...E...Eu acho...Nossa, me desculpa, me perdi nos meus pensamentos (risos). Vai chegando o final de semana e a gente vai ficando com a cabeça tão esgotada.

Neste trecho, Luísa também utiliza-se da negação. O interessante é que, para além disso, o que ocorre em seguida, na sua fala, é uma espécie de esquecimento. Primeiramente, a participante comenta sobre a existência de ciúmes em sua relação, mas “não é aquela coisa, assim...Aquele sentimento de posse, sabe?” evidenciando uma negação: não é um sentimento de posse. Não é algo doentio. Logo em seguida, a participante começa a falar mais pausadamente “E...E...Eu acho...”, dirige seu olhar para baixo e se perde nos seus pensamentos, como ela mesma afirma. Neste momento, em vez de terminar de relatar o que havia pensado, a participante esqueceu sobre o que pretendia falar. Nota-se que este esquecimento de Luísa teve lugar imediatamente após a negação, novamente enfática, dessa vez, a respeito da função que o afeto de ciúmes assume em sua relação. Novamente, isto pode apontar para os impasses atrelados a esta negação. Esta pode indicar que o conteúdo exposto na fala de Luísa muito mais se parece com um conteúdo reprimido que assume espaço na consciência em sua face negativa.

Para além da indicação de um elemento reprimido, a negação, presente em vários dos trechos da entrevista com Luísa, também pode apontar para a existência da negativa [*Verneinung*] como possibilidade de que o sujeito não seja imbuído a se haver com a angústia que permeia algumas de suas experiências com seu parceiro amoroso. Arrisca-se, então, que a negação surge enquanto uma espécie de estratégia para que a angústia não venha à tona, ou para que o seu “desamparo originário” (BIRMAN, 1998)

não seja escancarado. Propõe-se, neste sentido, a presença da negação como uma proteção de conteúdos que, por vezes, poderiam causar angústia e desprazer ao sujeito.

Já com base no discurso de Bernardo, é possível destacar outro elemento como forma de posicionamento diante da irrupção da angústia nas relações amorosas: o riso. O participante, em várias de suas falas ao longo da entrevista, encerrou com risadas. Para exemplificar, foram selecionados alguns trechos de suas falas. Em um primeiro fragmento, Bernardo comentava a respeito de sua participação e de seu marido nas tarefas de casa:

A participação é um pouco diferente, dentro das tarefas de casa. Eu tenho menos tempo, porém eu consigo prover mais confortos. Então é balanceado isso. Chegou uma hora que eu tava fazendo quase tudo dentro de casa (risos)

Posteriormente, ainda falando sobre o mesmo assunto, o participante contou sobre uma obra que fizeram em seu atual apartamento, a qual carecia de que algumas tarefas fossem resolvidas e decididas para que pudesse ser dado o andamento. Bernardo comentou: “Eu fiz tudo sozinho. E eu falei, o combinado é: não fazer tudo sozinho, porque ficou pesado. Fiz tudo sozinho de novo (risos).” Nestes casos, o participante relatava algo que trazia-lhe algum desconforto, já que o mesmo entende como algo de grande prioridade e importância que as funções de casa sejam bem divididas entre ele e seu parceiro, havendo a participação de ambos. É interessante perceber que, mesmo diante desse possível desconforto, Bernardo repete sua ação - acaba fazendo tudo sozinho mais uma vez. A repetição é denunciada pelo fragmento “de novo”.

Diante da percepção de que tem havido uma participação “um pouco diferente”, Bernardo ressalta que tem menos tempo para efetuar as tarefas, mas, em contrapartida, provê “mais confortos” para dentro de casa. Bernardo, então, afirma que “é balanceado isso”, mas apresenta um impasse ao relatar que chegou um momento no qual percebeu que estava “fazendo quase tudo dentro de casa”. Após fazer esta afirmação, o participante ri. A aposta, a respeito disso, é de que, muitas vezes, sua risada surge em um instante de tensão e desconforto durante sua fala. Diversas vezes, durante a entrevista, sua risada não surgiu em um momento qualquer, mas em instantes nos quais falava de algo provavelmente desprazeroso ou desconfortável.

Outra de suas falas destaca a emergência da risada frente a algo desprazeroso. No momento da entrevista, já abordado anteriormente, em que Bernardo fala sobre a

possibilidade de seu marido flertar com outras pessoas, desde que não haja concretização, o participante se pôs a explicar a razão pela qual isto não o incomodaria, dizendo:

Sim...É porque eu entendo o seguinte: é...O desejo que um tem pelo outro, ele não é só...As outras pessoas também podem ter, entendeu? Acontece que...E tudo bem, até porque pra autoestima é importante você se sentir desejado. É lógico que se eu ver eu vou ficar um pouquinho incomodado, mas por isso que eu não vejo (*risos*).

Em outra de suas falas, Bernardo contou sobre um dos conflitos que marcou a relação. Dois meses antes de se casarem, quando já haviam organizado toda a cerimônia e festa de casamento, Pietro se mostrou “reticente”, como disse o participante. Segundo Bernardo, foi a partir desta reticência do parceiro que houve uma briga entre os dois. Ele comentou que “Os dois sentiam...Que ficou meio assim (fez sinal de mais ou menos com as mãos). Então a gente deu um tempinho aí de uma semana pra pensar se a gente queria de fato fazer isso. Uns dois meses antes de casar, tudo feito (*risos*).”

Em ambos trechos destacados anteriormente, novamente o que há de comum é que algo de uma experiência de desconforto é transmitido junto à risada do participante. No primeiro fragmento, o possível desprazer associado ao riso se relaciona à possibilidade de ver o marido flertando com outra pessoa, por mais que o participante tenha afirmado não ver problemas nisso. No segundo trecho, o desconforto é possivelmente denunciado pela risada que vem logo após Bernardo contar que estava “tudo feito” para a preparação de sua festa de casamento, quando ele e seu parceiro tiveram um dos únicos conflitos mais sérios no relacionamento. Se pensarmos com Freud (1905/2017), o riso é uma forma de “descarga de excitação mental”, e, além disso, pode ser considerado como uma maneira de lidar com o mal-estar (MORAIS, 2008). Assim, podemos conceber a risada como uma forma de manifestar a existência do mal-estar. Se considerado deste modo, o riso pode ser pensado enquanto elemento que encobre e escancara angústias vivenciadas pelos sujeitos. A mesma situação que causou a risada não tem mais graça, se é contada de outra forma (MORAIS, 2008). Ao comentar sobre o riso em um processo de análise, Morais (2008) afirma que, quando algo de uma dimensão trágica emerge ao longo da análise, pode acarretar em uma risada que abre espaço para o surgimento de algo de uma dimensão imprevisível, infamiliar (FREUD, 1919/2019).

## 4.2 Sobre as implicações da ambivalência no discurso amoroso

A experiência de amar compreende tanto a mais intensa sensação de amor, de identificação ao objeto de amor, quanto algo que inclui a raiva, o ódio, e a degradação do objeto amado. Desse modo, foi possível destacar alguns fragmentos, extraídos das entrevistas, em que estas duas dimensões - amor e ódio -, simultaneamente, se presentificam nas experiências amorosas.

Em um primeiro trecho, essa coexistência dos afetos surge de maneira bem evidente. Bernardo conta sobre seu primeiro namoro e destaca, nessa relação, algumas características que o mesmo observou como comuns aos amigos da época: “Tudo era muito dramático. Tudo era muito, é..é..é..Exagerado, aquela coisa. Muito amor, muita raiva, sabe?”. O próprio participante acentua a presença simultânea do amor e da raiva. Em seguida, comenta sobre alguns conflitos que eram comuns neste mesmo relacionamento: “Tinha muito ciúmes. Ciúmes bobo, ciúmes de amigo”.

Na entrevista com Luísa, a participante falava sobre algumas dificuldades que teve em razão de seu namoro ter sido a maior parte à distância, relatando algo sobre os períodos iniciais de sua relação: “eu sinto que cada vez eu amadureço mais. E é uma coisa, assim, que *antes eu ficava irritada por coisas bestas* e hoje não afeta mais, a gente acostuma”. Diante do questionamento “ficava irritada por coisas bestas?” a participante continuou a relatar:

Sim...No sentido, assim...De, é...Ah, saiu da faculdade à noite, aí vai pra um barzinho com amigo e amiga, sabe essas coisas? *E isso me irritava...Não era que irritava, acho que eu sentia muito ciúmes no início*, e aí...Com o tempo era uma coisa que, assim, justamente pela questão da confiança a pessoa vai te mostrando que você pode confiar nela que não importa mais hoje se ele quer ir pra um barzinho com um amigo, amiga. A partir do momento que eu confio nele, *não importa a companhia dele*.

Neste trecho, Luísa fala sobre algo que a irritava, mas demarca isto através de um impasse em seu discurso: “Isso me irritava...Não era que irritava, acho que sentia muito ciúmes”. A retificação e a negação que a participante realiza em relação a seu dito anterior, pode apontar para a ambivalência no discurso, que, de algum modo, pode revelar a existência de uma irritação, uma raiva, em meio à experiência amorosa. Irritação e raiva que só podem ser admitidas sob a forma da negação. Para pensar nesta possibilidade, tem-se como base o conceito de ambivalência enquanto presença simultânea de dois afetos opostos, em tese, em relação a um objeto ou uma situação (CLÖES, 2007), sendo estes amor e ódio. Ainda, salienta-se que a retificação da participante, através da negação “não

era que irritava”, evidencia, mais uma vez, o negar enquanto uma possibilidade de que o sujeito não tenha que se haver com possíveis angústias da relação.

É inevitável notar, além disso, que tanto no relato de Bernardo, quanto no de Luísa, o ciúmes surge como afeto que revela algumas inquietudes, incômodos - incluindo o próprio sentimento de raiva, que chama a atenção quando pensamos no “amoródio” (ALLOUCH, 2009) na subjetividade dos sujeitos. Sobre o ciúmes, Freud (1922/2011) descreve ser um afeto que, assim como o luto, é possivelmente descrito como normal. É possível que seja encontrado em três diferentes maneiras: normal, projetivo ou delirante. Aqui temos enquanto foco a primeira destas formas, com base na qual pensaremos os relatos de Bernardo e Luísa. Sobre esta, afirma-se: percebe-se facilmente que é um afeto constituído pelo pesar e sofrimento provocado no sujeito ao pensar a possibilidade de perda do objeto amado, bem como pela ferida narcísica (FREUD, 1922/2011).

Ao comentar que, ao longo do tempo, “a pessoa vai te mostrando que você pode confiar nela que não importa mais hoje se ele quer ir pra um barzinho com um amigo, amiga”, Luísa anuncia o que Freud (1922/2011) observou sobre a emergência do ciúmes: esta pode indicar o sofrimento causado apenas pela possibilidade de que haja a perda do objeto de amor. Tanto no discurso de Luísa, como de Bernardo, o ciúmes foi posto em evidência em instantes do relato nos quais havia alguma probabilidade, ainda que remota, de que o objeto de amor fosse perdido.

Ainda, destaca-se a última afirmação feita por Luísa, no seguinte trecho de sua fala: “a partir do momento que eu confio nele, não importa a companhia dele”. É interessante pensar que esta frase pode ter compreensões distintas, pois pode ser pensada no sentido de que a partir do momento em que Luísa confia em seu parceiro, não importa com quem ele está, que não seja ela. Entretanto, se escutada em sua literalidade, a participante diz que “não importa a companhia dele”. Não importar a companhia pode então ter o sentido de que a companhia dele, isto é, ele como companhia, já não importa mais. Ou seja, à medida que a confiança aumenta, sua companhia tem menor importância. A confiança (ou a falta desta) parece surgir enquanto um elemento que atesta o valor e o interesse atribuídos ao objeto amado.

Sobre o decorrer da entrevista com Luísa, outro ponto pode ser destacado, no que tange à questão da ambivalência nas relações. A participante contou que se mudara para Palmas havia cerca de um mês, e que seu namorado já a visitara. Luísa mencionou que considerou esta ação como um sacrifício de seu parceiro, relatando:

Então assim, é sacrifício, e é muito importante a gente ver a questão, assim, a disponibilidade do outro pra fazer sacrifício, pra poder ficar perto, pra poder ficar junto, pra poder tentar continuar mantendo, sabe...O relacionamento.

Posteriormente, também comentou a respeito do sacrifício: “representa que tem amor, e que...Eu acho que na medida que vai aumentando a intensidade do sacrifício, significa que o amor tá sempre mais forte, eu acho”. Mais adiante, afirmou, em relação ao namorado: “ele sentia meu sofrimento, sofria junto...Porque é uma coisa que não tem como, se você ama a pessoa e você vê ela sofrendo, é difícil...Faz a gente sofrer também”. É possível, a partir destas falas de Luísa, perceber a correlação que a mesma faz entre sacrifício e amor, comparando-os quantitativamente: quanto maior o sacrifício, maior o amor. Se considerarmos Lacan (1960-1961/1992), verificamos, como já dito anteriormente, que o objeto amado pode representar a “mais alta autoridade moral” (p.64), e então o amor é tido como “princípio do sacrifício último” (p.64). Ao pensar nas afirmações de Luísa, percebemos que esta expõe o amor como coligado ao sacrifício. A experiência do amor é colada à noção do sacrifício, de modo que essas percepções parecem estar atreladas uma à outra.

Já no que diz respeito ao relato de Bernardo, diferentes ponderações podem ser realizadas. O participante descreveu um pouco do terceiro relacionamento que teve durante sua vida, o qual já foi mencionado anteriormente. O participante fez a seguinte afirmação, a respeito de seu namorado da época: “Ele vivia, ficava a semana inteira lá em casa. Era mais fácil e tal...Mas...é...Era uma relação assim: ele não participava de nada (pausa)”. Em seguida, Bernardo explicou um pouco mais sobre o que entende como não participação:

Dentro da minha casa, e não tinha porquê. Hoje em dia, depois que a gente terminou, muito tempo, eu enxergo isso, porque eu nunca chamei pra morar comigo [...] Mas...é...é...Existiam umas exigências da minha parte que era muito...Era...Exigência demais de cá, e comodismo demais de lá. E aí começou a se criar uma relação abusiva ali, sabe? Dois dois lados. *Era muito engraçado*. Tinha muito *desrespeito* nessa relação. E aí...Enfim, essa era a...a...dinâmica do nosso relacionamento. E tinha muito conflito né.

Ao falar sobre esta falta de participação do ex namorado, o participante se mostrou mais retraído do que em outros momentos da conversa. No primeiro fragmento destacado acima, há uma pausa mais acentuada, ao final de sua frase, antes de prosseguir o diálogo.

Em alguns momentos, seu tom de voz apresentou-se mais rebaixado e sua descontração corporal não permaneceu a mesma que nos demais períodos da entrevista. Ao que parece, a experiência relatada por ele remete a situações em que a agressividade - entendida, pela psicanálise como constituinte do sujeito (FLANZER, 2006) - tem sua expressão revelada pelo significante “desrespeito”, ou pelo que Bernardo chamou de “relação abusiva”.

A respeito das exigências que comentou, o participante relatou: “Ele não tinha que participar. Era uma exigência que eu...que eu fazia, a respeito de uma...De uma vontade que ele nunca manifestou”. Deste trecho, podemos depreender que quando o participante fala em uma exigência que ele fazia a respeito de uma vontade que seu parceiro não havia manifestado, fala-se de uma exigência, realizada por Bernardo, sobre uma vontade que não é a dele, e sim a vontade de um outro. Nesse sentido, supõe-se haver certa idealização, por parte de Bernardo, a respeito de seu amado. Com Freud (1914), pensamos em uma supervalorização do objeto amoroso, como se este pudesse condizer com o que o participante fantasiosamente esperava.

No caso do fragmento do discurso em questão, Bernardo parecia ter uma ideia sobre a vontade do outro, que, na realidade, dizia respeito muito mais à vontade dele próprio - por isso a sua exigência a respeito da vontade do outro. É como se, para Bernardo, essas vontades necessariamente coincidissem, como bem há de ser em um plano imaginário, que acompanha suas fantasias.

Em continuidade, frente à percepção de que seu namorado não participava, Bernardo disse:

*Eu ficava puto (risos). Era todo...(risos). Aí eu ficava cobrando coisa...Aí a gente brigava, e por aí ia [...] Uma relação bem ruim mesmo. Eu fiquei bem traumatizado, eu fiquei acho que três anos sem nenhum relacionamento. Eu fugia. Que nem diabo foge da cruz. Me dava até um pouco de falta de ar, acredita? Falar em relacionamento.*

Como observado, o participante afirma que, diante da não participação do namorado, “ficava puto”, o que acabava por ocasionar conflitos na relação. Sobre a existência da ambivalência frente à experiência amorosa, não é nada difícil observar, a partir dos relatos de Bernardo, a forma como uma possível agressividade, que se externaliza por meio da raiva, da rivalidade, dos conflitos imaginários, vai se moldando e se estruturando ao longo das vivências do participante. Não à toa, Lacan cunhou o neologismo “hainamoration”, que muito pode ser pensado no discurso em questão (ALLOUCH, 2009). O que Bernardo mostra estar em jogo no decorrer de suas experiências de amor, é justamente seu “amoródio”.

Frente a isto, frisemos o que se segue no seu discurso: “Eu fiquei bem traumatizado [...] Me dava até um pouco de falta de ar, acredita? Falar em relacionamento”. Aqui, encontra-se bastante perceptível algo sobre um dos questionamentos desta pesquisa: qual o papel da angústia no conflito, existente nas relações humanas, entre ódio e amor? Ao contar que, após experimentar situações em que a raiva surgiu enquanto um afeto central, em meio aos conflitos de seu relacionamento amoroso, o que Bernardo começa a fazer é uma espécie de fuga diante daquilo que experimentara. Comenta, ainda, que tudo aquilo dava-lhe falta de ar, apenas de pensar em envolver-se em uma nova relação. A angústia, portanto, parece estar presente, além dos afetos odiosos. Pelo que se observa, a angústia surge enquanto uma espécie de proteção, frente a algo de um âmbito desprazeroso para o sujeito. Se assim considerado, é este um possível papel que este afeto representa frente ao conflito amor-ódio.

Mais adiante na entrevista, ao ser questionado sobre como é, para ele, quando existem desentendimentos em sua relação, Bernardo respondeu:

Se for essa coisa *corriqueira*, assim, que aconteceu...*Corriqueira não*, essa coisa, é...*Eventual*, um pequeno conflito, se acontece de vez em quando dentro de casa, não tem problema nenhum. Acontece, normal, a gente resolve, tudo bem.

Não surpreende que o que tenha se destacado, nesse fragmento da fala do participante, seja o impasse que se encontra grifado no excerto. Como já comentado anteriormente, uma fala como esta pode ser compreendida como um ato falho. Ao comentar sobre a frequência com que ocorrem desentendimentos entre ele e o marido, Bernardo troca “eventual” por “corriqueira”. Considerando que, posteriormente, ele frisa seu incômodo com a presença de conflitos frequentes em relacionamentos: “Isso de ter conflito o tempo inteiro é uma coisa que me frustra muito. Muito”, a troca de palavras pode revelar que, aquilo que para o participante produz desconforto, está presente na relação, mesmo que assim ele não deseje. A ideia de que aquilo que o frustra acontece de maneira “corriqueira”, e não “eventual”, não está de acordo com o que, ao nível da consciência, se mostra mais confortável, para Bernardo, no convívio com o outro.

Para concluir, salienta-se que as articulações entre amor e ódio se mostram proveitosas frente ao esforço de nos aprofundarmos em nossas indagações e reflexões a respeito do amor na contemporaneidade. A partir dos trechos destacados, as falas dos

participantes foram bastante expressivas no que diz respeito à oportunidade de pensar a ambivalência nas relações.

### **4.3 A linguagem do amor e algumas reflexões sobre seus impasses**

Com o intuito de destacar a perspectiva salientada por Orlandi (1990), esta seção terá como foco as diferentes maneiras pelas quais o amor se estrutura enquanto linguagem, de forma que buscar-se-á destacar prováveis impasses nos discursos extraídos das entrevistas, não como forma de afirmar o amor como algo sem coerência, mas justamente propondo depreender, de suas incoerências - ao nível da consciência-, algumas possíveis significações.

Para que nos valhamos do mesmo momento da entrevista abordado na seção anterior, seguiremos a partir de um ponto da entrevista com Bernardo na qual este, após ter tido vivências amorosas nas quais passou por uma série de conflitos, conta sobre um relacionamento que representou bastante tranquilidade. Ele diz: “eu descobri que eu não era ciumento, naquela relação. Eu descobri que eu não gostava de brigar, tudo isso”. Logo após, afirmou: “descobri que não tinha...A gente não se gostava tanto, era mais uma coisa que foi acontecendo, sabe?”. Algo é especialmente instigante nestas afirmações: é justamente na relação que remete à tranquilidade, para Bernardo, aquela na qual não se via tomado por algum ciúmes, ou pela sensação de gostar de brigar, que o participante afirma que “não se gostavam tanto”. Parece haver, no que toca ao amor, uma percepção de que a tranquilidade não está inclusa nessa vivência amorosa, ou que a mesma não mobiliza o desejo do sujeito. O que parecia ser campo fértil para o avanço de um relacionamento mais seguro, foi onde a relação se revestiu de uma indiferença.

De volta ao discurso de Luísa, podem ser acentuadas algumas falas valiosas para nossas discussões. Uma delas, já destacada anteriormente, foi um instante em que a participante falou um pouco sobre o ciúmes de seu namorado em relação a ela: “Ele também tem ciúmes, mas não é aquela coisa, assim...Aquele sentimento de posse, sabe? Não é uma coisa doentia”. Entretanto, em outra situação, Luísa afirmara: “As maiores discussões que a gente tinha no início era por causa disso, sabe? Pela questão do...do ciúme...E de querer...Parece, assim...Um sentimento de posse, sabe?”. O impasse, no discurso, fica evidente. A participante em um momento nega o ciúmes enquanto sentimento de posse. Entretanto, em outro instante Luísa justamente o afirma enquanto sentimento de posse. Este impasse permite reafirmar a perspectiva de que o discurso de um sujeito não é linear, sequer é absolutamente lógico, visto que a inserção do sujeito na

linguagem o mantém aprisionado nos paradoxos, absurdidades e equívocos inerentes à dimensão da linguagem (JORGE, 2002).

Outro trecho interessante a respeito da conversa com Luísa é o ponto em que esta comenta sobre os esforços que ela e o namorado despenderam para continuar o relacionamento à distância: “É uma coisa assim que sempre tem a possibilidade, sabe? Sempre tem a vontade de querer *dar um jeito* pra poder tá perto”. Após alguns anos fazendo cursos pré-vestibular para passar em Medicina, Luísa comentou que sentia-se, com frequência, bastante triste. Sobre o assunto, a participante contou um pouco sobre o envolvimento de seu namorado nesta situação, quando ele notava sua tristeza: “Eu também percebia muito que ele sentia essa questão de...Da minha tristeza, pelo fato dele sempre tá querendo *dar jeito*”, como eu dei o exemplo de “ah, vamos ver um intercâmbio”. Segundo Luísa, o namorado incentivava e mostrava-lhe outras formas de conseguir entrar na faculdade que a mesma desejava. Assim, o intercâmbio surgiu como uma possibilidade de fazer o curso fora do Brasil, se assim fosse preciso para que ela conseguisse.

Mais adiante, ao ser questionada sobre como era para ela observar o namorado se esforçando para dar um jeito, Luísa afirmou:

Era uma coisa boa! Assim...muitas vezes parece até que...Quando fala assim, que “ah, ele ficava dando um jeito, falando de todas as possibilidades de ir pra outro país, por exemplo”, *parece assim que é uma coisa meio indiferente, como se quisesse que fosse pra longe* (sorrindo) [...] *Parece absurdo falar* “tava querendo dar um jeito de ir pra Argentina e tal”...Mas não é uma coisa assim de querer separar...A gente tinha planos, por exemplo, “ah, vai pra Argentina, mas pra quando eu formar eu vou também”, sabe? Sempre tinha um plano, *sempre tinha o jeito que ele tava tentando dar pra realizar o meu sonho*, mas sempre tinha a forma da gente continuar junto, sabe?

Sobre os trechos destacados acima, a expressão “dar jeito” tem uma posição importante no discurso da participante. Primeiramente, Luísa conta que seu namorado está sempre tentando “dar um jeito” de realizar o seu desejo, ou de “dar um jeito” de estar perto, mesmo em um relacionamento a distância. Até então, a participante apresenta esta ideia como tendo uma conotação positiva, ou, algo que remete à uma sensação de prazer frente ao que é contado pela mesma. Em um segundo momento, diante da questão: “como era, pra você, ver ele tentando dar um jeito?”, Luísa apresenta outra observação sobre o mesmo fato. Para ela, falar que ele estava tentando dar um jeito parece ser “uma coisa meio indiferente, como se quisesse que fosse pra longe”. Surge aí um impasse na fala de Luísa, que começa a observar isto como um absurdo: “parece absurdo falar ‘tava

querendo dar um jeito de ir pra Argentina e tal”’, mesmo quando estava falando sobre algo, a princípio, positivo para ela.

Chamemos atenção, também, para a última frase em grifo no fragmento acima: “sempre tinha o jeito que ele tava tentando dar para realizar o meu sonho”. Se pensada em sua literalidade, o que Luísa diz é que o seu namorado sempre tinha uma maneira de tentar realizar o sonho dela. Ora, mas se o sonho é dela mesma, porque seu namorado haveria de ter um jeito para realizá-lo? A partir desta indagação, podemos ponderar que, novamente, não há uma posição de implicação do sujeito em seu discurso. Isto porque Luísa, de certa forma, se retira de uma posição ativa e privilegia a localização de seu namorado, em seu discurso, como posse de um lugar de quem busca realizar o sonho dela. Este assume a agência do discurso, à medida que Luísa se afasta da posição de quem tentar dar um jeito para realizar seu próprio sonho. Assim, observa-se que a noção de amor pode estar ligada à uma alienação do sujeito no desejo do Outro. Ao alienar-se no Outro pela via do laço amoroso, o sujeito tenta suturar a sua própria divisão. Não há sonho meu ou sonho dele, há um mesmo sonho. A partir da concepção de Freud (1914/2017), nota-se que o sujeito apaixonado abandona a si próprio em favorecimento do investimento libidinal no objeto amoroso. De certa forma, é algo desta ordem que pode ser percebido no discurso de Luísa, ao passo que a mesma, ao menos no campo da linguagem, deixa de apropriar-se de suas próprias realizações, frente a seu objeto de amor. Tais observações fazem com que possamos pensar em como a posição que o sujeito ocupa em seu discurso, bem como a forma pela qual o amor se estrutura enquanto linguagem, apontam para possíveis significações de um discurso do amor (ORLANDI, 1990)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foram abordadas as experiências de amor em suas múltiplas determinações, ambivalências e complexidades. Através das discussões propostas, foi possível observar que a problemática do amor não se esgota na questão de apresentar impasses ao nível da consciência dos sujeitos, mas inclui nos interrogarmos sobre os conflitos inconscientes destes. Assim, é denunciada uma dimensão do amor que não necessariamente é coerente ou racional, do ponto de vista da consciência. As experiências amorosas puderam ser incluídas em uma dimensão que aponta para as ambiguidades, equívocos e polissemias da linguagem.

Com foco nas vivências de desamparo e no afeto da angústia diante das relações amorosas, no primeiro capítulo evidenciou-se não apenas a presença de algo de angustiante nas experiências de amor; mas percebeu-se que o amor, e os discursos por meio dos quais ele se presentifica, é uma via através da qual os sujeitos têm a possibilidade de se haver com o desamparo e com a angústia. Deste modo, os sujeitos se angustiam ao amar, mas amam para que não se angustiem. Para que estas discussões fossem desenvolvidas, buscou-se pensar o desamparo a partir da psicanálise, bem como discutiu-se a respeito de algumas observações sobre a angústia em Freud (1915) e Lacan (1960-1961/1992). Nesse sentido, o intuito foi evidenciar a relação existente entre o campo do amor e as experiências de desamparo.

No segundo capítulo, foi possível realizar a discussão de aspectos elementares para se pensar o amor do ponto de vista psicanalítico, como os processos de identificação, as fantasias e as ambivalências existentes no amar. Além disso, buscou-se destacar a relação entre amor e linguagem, ao passo que fazer essa aproximação está de acordo com a possibilidade de pensar o sujeito com base no axioma lacaniano de que o inconsciente é estruturado enquanto linguagem (BAYDOUN; MEDEIROS, 2013).

Finalmente, em um terceiro capítulo, o material extraído de entrevistas com os participantes da pesquisa permitiu com que fossem realizadas análises. Nestas, percebeu-se, a partir dos trechos destacados de algumas falas, a presença da angústia enquanto afeto que faz parte da experiência amorosa, bem como discutiu-se possíveis fantasias nas vivências de amor relatadas pelos participantes. A partir de seus discursos, também foram exploradas questões a respeito da negação [*Verneinung*], e aspectos relacionados à ambivalência e possíveis impasses existentes no discurso do amor. Com isso, foi

observado que a experiência do amor inclui as possibilidades de pensá-lo enquanto uma maneira de formar laço frente ao desamparo e à angústia.

A base teórica abordada nos capítulos anteriores ao último subsidiou as discussões realizadas. Salienta-se, ainda, que esta pesquisa, com suas limitações enquanto trabalho de conclusão de curso, apresenta algumas questões as quais podem ser melhor exploradas em pesquisas futuras. Seria interessante que um futuro trabalho se dedicasse, com maior veemência, a apresentar o amor enquanto uma formação de laço social frente ao vazio da existência humana. Considerando que este estudo aprofundou-se no material coletado a partir de duas entrevistas, pesquisas posteriores poderiam realizar outras entrevistas, com o intuito de que sejam ampliadas as possibilidades de se pensar os desdobramentos da experiência amorosa nos discursos dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- ABEL, Marcos Chedid. Verdade e fantasia em Freud. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 14, n. 1, p. 47–60, 2011.
- ALLOUCH, Jean. **L'amour Lacan**. Paris: Epel, 2009.
- ANDRÉ, Jacques. Entre angústia e desamparo. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 4, n. 2, p. 95–109, 2001.
- AQUI ÁGUAS CLARAS. Morte da blogueira Aline Araújo abre debate sobre depressão e ansiedade. Aqui Águas Claras, 2019. Disponível em: <<https://aquiaguasclaras.com.br/saude/2019/07/morte-da-blogueira-aline-araujo-abre-debate-sobre-depressao-e-ansiedade/>>. Acesso em: 15 out. 2021.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psico. Cien. Prof.**, São Paulo, v.2, n. 22, jun. 2002.
- BADIOU, Alain; NICHOLAS, Truong . **Elogio ao amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BAYDOUN, Mahamoud; MEDEIROS, Melissa Andrea Vieira de. Nas margens do amor. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Campinas, v. 24, n. 1, p. 43-51, jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v24i1.187>. Acesso em: 12 nov. 2021
- BESSET, Vera. Angústia e desamparo. **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v.11, n. 2, p. 203-215, set. 2002.
- BIRMAN, Joel. Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna. **Cad. Psicanal.**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 175-195, 2004.
- \_\_\_\_\_, Joel. O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: A Psicanálise à Prova do Social. **Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, 1998.
- CALDAS; Heloisa. O amor nosso de cada dia. *Opção Lacaniana*, Rio de Janeiro, v.11, n.2, 2008.
- \_\_\_\_\_. O delírio e o discurso amoroso. In: Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental 4. Curitiba: [s.n.], 2010. Disponível em: <[http://www.psicopatologiafundamental.org/upload/files/posteres\\_iv\\_congresso/mesas\\_iv\\_congresso/mr03-heloisa-caldas.pdf](http://www.psicopatologiafundamental.org/upload/files/posteres_iv_congresso/mesas_iv_congresso/mr03-heloisa-caldas.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2021.
- CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- CAMPOS, Érico; SILVA, Amanda. O desamparo como categoria afetiva fundamental do mal-estar na atualidade: um ensaio psicanalítico. **Revista de psicologia da UNESP**, São Paulo, v.19, n.1, 2020.
- CHAVES, Wilson Camilo. Considerações a respeito do Real em Lacan. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 1, p. 41–46, 2009. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/X5hgYmKhNJwGfnbbV5BB7Hj/?format=pdf&lang=p>> Acesso em: 5 nov. 2021.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Laço social**: uma ilusão frente ao desamparo. **Reverso**, v. 31, n. 58, p. 33–41, 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5470014>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

CLOËS, Claude. Les racines inconscientes de l’ambivalence dans la passion: la haine originaire. **Cahiers de psychologie clinique**, v. n° 29, n. 2, p. 123–132, 2007. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-cahiers-de-psychologie-clinique-2007-2-page-123.htm?ref=doi>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. O ódio em três textos de Freud: reflexões sobre ambiguidade, hostilidade e identificação. **Reverso**, Belo Horizonte, n. 77, jun 2019.

COSTA, Geisa. Platão e Lacan: o amor entre a completude e a falta. **PsicoFAE**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 79-88, 2016.

DÁL-CÓL, Denise Maria Lopes; PALMA, Claudia Maria de Sousa. **Angústia e sexualidade**: a descoberta freudiana. **Tempo psicanalítico**, v. 43, n. 2, p. 377–390, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v43n2/v43n2a08.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DERRIBA, Vinicius. A falta conceituada por Lacan: da Coisa ao objeto a. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 63-76, jun. 2005.

DUNKER, Christian; PAULON, Clarice; MILÁN-RAMOS; José. **Análise Psicanalítica de Discurso**: perspectivas Lacanianas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

\_\_\_\_\_. O esquema L de Lacan. Youtube, 19 de fevereiro de 2020, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mrs2-XO3OcA>. Acesso em: 10 de junho.

\_\_\_\_\_. Totem e tabu na psicanálise. Youtube, 13 de outubro de 2017, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SADA6zOkdrE&t=219s>. Acesso em: 05 de junho.

FARIAS, Angeli Raquel; RODRIGUES, Hermano. O amor no tempo: o excesso, a falta, o pathos, São Paulo, v. 2, n.1, 2011.

FERRARI, Ilka Franco. Agressividade e violência. **Psic. clin.**, Rio de Janeiro v. 18, n.2, 2006.

FERREIRA; Nadiá. A teoria do amor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FLANZER, Sandra Niskier. Sobre o ódio. **Interações**, São Paulo, v. 11, n. 22, p. 215-229, dez. 2006.

FONSECA, Maria Carolina. O objeto da angústia em Freud e Lacan. **Reverso**, Belo Horizonte, v.31, n.57, 2009.

- FORTES, Isabel. A dimensão do excesso no sofrimento contemporâneo. **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, n.3, p. 63-74, set. 2008.
- FREUD, Sigmund. (1920). **Além do princípio do prazer**. São Paulo: L&PM, 2016.
- \_\_\_\_\_. (1915). **As pulsões e seus destinos**. São Paulo: Autêntica Editora, 2016.
- \_\_\_\_\_. (1922). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 15**: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.209-273.
- \_\_\_\_\_. (1917). “**A angústia**”. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1925). **A negação**. São Paulo: Cosac Naify. 2014.
- \_\_\_\_\_. (1916) “**Conferências introdutórias à psicanálise**”. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- \_\_\_\_\_. (1937). “Construções em análise”. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 19**: Moisés e o Monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- \_\_\_\_\_. (1923). “Dois verbetes de psicanálise”. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 18**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1926). **Inibição, sintoma e angústia**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- \_\_\_\_\_. (1914). **Introdução ao narcisismo**. São Paulo: Civilização brasileira, 2017.
- \_\_\_\_\_. (1930). **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.
- \_\_\_\_\_. (1905). **O chiste e sua relação com o inconsciente**: Obras completas volume 7. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- \_\_\_\_\_. (1919). **O infamiliar**. São Paulo: Autêntica, 2019.
- \_\_\_\_\_; EINSTEIN; Albert (1932). **Por que a guerra?**. São Paulo: FADISMA, 2005.
- \_\_\_\_\_. (1913). **Totem e tabu**. São Paulo: Penguin Companhia, 2013.
- FINK, Bruce. **Fundamentos da Técnica Psicanalítica**: uma abordagem lacaniana para praticantes. W. W. Norton & Company, 2007.
- FUKS, Betty. Notas sobre o conceito de angústia. Estudos & pesquisas em Psicologia, v.1, n.1, 2001.
- GERING, Juliane. Agressividade e violência: contribuições da psicanálise. **Revista Unijuí**, v.10, n.2, 2018.
- GUEDES, Denise de Fátima. Uma introdução ao conceito de objeto a. **Psicanálise & Barroco em revista**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 159-174, jul. 2010.

GUIMARÃES, Veridiana. **Eros na psicanálise freudiana**: um destino culturante da pulsão. Doutorado em psicologia clínica e cultura - Universidade de Brasília. Brasília, 2010.

HALPERIN, Celso. Breves considerações sobre a agressividade e a compulsão à repetição. **Psicanálise**, Porto Alegre, v.2, n.20, p. 43-51, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

IACONELLI, Vera. Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna. 2012. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Angústia e castração. **Reverso**, v. 29, n. 54, p. 37–42, 2007. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5442634>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da Psicanálise volume de Freud a Lacan**: vol 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: vol 2. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KIVES, Eduardo. **Agressividade em Psicanálise**: um percurso teórico pelas obras de Freud e Lacan. Trabalho de conclusão de curso em Graduação de psicologia- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LACAN, Jacques (1960-1961). **Seminário 8**: a transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LAGOAS, Juliano Moreira. O problema da percepção na psicanálise de Freud a Lacan. Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/19964>>.

\_\_\_\_\_; CHATELARD, Daniela. Contribuições para uma teoria psicanalítica da percepção: da regressão alucinatória à Coisa do desejo. **Psicologia, Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.35, n.35, 2019.

LAPLANCHE; PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEMOES, Joelma Galvão. O que Sigmund Freud nos fala sobre o ódio?. **Psicanálise & Barroco em revista**, Juiz de Fora, v. 17, n. 3, dez. 2019.

LUCERO, Ariana. Amor cortês e sublimação em Jacques Lacan. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 10, p. 179-188, abr. 2011.

MACÊDO, Kátia Barbosa. O desamparo do indivíduo na modernidade. **Ecos**, v. 2, n. 1, p. 94–107, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/742/660>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

- MAIA, Maria Angela; CALDAS, Heloisa. O amor como semblante. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 3, p. 107-116, 2011.
- MANJARRÉS, Judith; FRANCO, Dennys. Reflexiones sobre el amor en psicoanálisis: una lectura a la enseñanza de Freud y Lacan. **Palobra**, Colombia, n. 18, p. 316-326, ago. 2018.
- MARTINS, Renata Dahwache; VORSATZ, Ingrid. Os primórdios da psicanálise e a construção da noção de fantasia. *Cadernos de Psicanálise*, v. 40, n. 39, p. 251–272, 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-62952018000200013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-62952018000200013)>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess/1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MATTOS FILHO, Caio de; TEIXEIRA, Angelica Maria. A Ética da Psicanálise e a Repetição do Encontro Faltoso do Real. **Revista Subjetividades**, v. 14, n. 2, p. 203–216, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4448>>. Acesso em: 20 out. 2021.
- MORAIS, Marília Brandão Lemos. Humor e Psicanálise. **Estudos de Psicanálise**, n. 31, p. 113–123, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n31/n31a14.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2021.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- \_\_\_\_\_. Palavra de amor. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 19, p. 75–95, 1990. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/download/8636827/4548>>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- PEREZ, Daniel Omar. Os pilares fundamentais da psicanálise. Youtube, 4 de março de 2021, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6ziCchikwag&t=347s>. Acesso em: 03 de outubro.
- PINHEIRO, Clara Virginia; LIMA, Celina Peixoto; OLIVEIRA, Débora Passos. Sobre as relações entre o sexual e o mal-estar na civilização: uma discussão acerca das perspectivas freudianas. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, v. 18, n.2, 2006.
- PRIORE, Mary Del. Pequena história de amor conjugal no ocidente moderno. **Estudos de Religião**, n. 33, p. 125-135, dez. 2007.
- QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- ROSA, Miriam; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 1, 180-188. 2010.

ROUGEMONT, Dennis de. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

SANTORO, Vanessa. O amor nos tempos da *internet*. **Estudos de psicanálise**, Belo Horizonte, n. 45, p. 167-170, jul. 2016.

SAFATLE, Vladimir. Sobre um modo peculiar de falar de si. In: FREUD, Sigmund. **A negação**. 1ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 22-38.

SECOTTE, Guilherme; DIONISIO, Gustavo Henrique. Pulsão de morte e agressividade no campo Freud-Lacan. **Analytica**, São João del-Rei, v. 7, n. 13, dez. 2018.

TOREZAN, Zeila; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, jun. 2011.

TYSZLER, Jean Jacques. O fantasma na clínica psicanalítica. Recife: Association Lacanienne Internationale, 2014.

VIANA, Ezequiel Francisco. O amor em uma perspectiva histórica e psicanalítica. **Anais do XV Encontro de Iniciação Científica da UNI7**, Fortaleza, v. 9, n. 1, 2019

## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

#### O AMOR E SEUS HIATOS SUBJETIVOS

**Instituição dos pesquisadores: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**

**Pesquisador responsável: Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas**

**Pesquisadora assistente: Mila Macêdo Veríssimo**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### **Natureza e objetivos do estudo**

- O objetivo específico desse estudo é investigar as vivências de amor na contemporaneidade, a partir de entrevistas realizadas com pessoas acima de 18 anos.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil delimitado para essa pesquisa.

#### **Procedimentos do estudo**

- Sua participação consiste em responder uma entrevista individual sobre o tema focalizado na pesquisa.

- O procedimento consiste na realização de uma entrevista individual semiestruturada.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será gravada em áudio, com o consentimento do participante, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- A pesquisa será realizada em um encontro via *Google Meet*.

### **Riscos e benefícios**

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema em questão.

### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando, para isso, entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

### **Confidencialidade**

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Mila Macêdo Veríssimo,

com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e será destruído após a pesquisa.

- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_

---

Participante

-

---

Pesquisador Responsável: Juliano Moreira Lagoas  
Celular: (61)9 8603-0139– E-mail: [juliano.lagoas@ceub.edu.br](mailto:juliano.lagoas@ceub.edu.br)

---

Pesquisadora Assistente: Mila Macêdo Veríssimo  
Celular: (61)992910808– E-mail: mila.mv@sempreceub.com

**Endereço dos(as) responsável(is) pela pesquisa:**

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-1200

## APÊNDICE B

### **Roteiro para entrevista semiestruturada**

1. Atualmente, você está em um relacionamento amoroso?
2. Como foi o seu último relacionamento?
3. O que você acha que levou ao término?
4. Como é o seu atual relacionamento?
5. Como é, para você, quando existem desentendimentos em sua relação?
6. Há algo que te frustra com frequência em relacionamentos amorosos?
7. Você costuma ter contato com conteúdos relacionados ao amor, como livros, *podcasts* ou algo do tipo?
8. Você faz ou já fez uso de algum aplicativo de relacionamento?

### **(No caso de uma resposta positiva para a questão anterior)**

9. Como é/foi esse uso?
10. O que você acha/achou de ter usado?
11. O que chamou sua atenção nesse aplicativo?

## ANEXO A

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O sujeito contemporâneo entre o amor e o ódio

**Pesquisador:** JULIANO MOREIRA LAGOAS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 52012321.3.0000.0023

**Instituição Proponente:** Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.041.571

#### **Apresentação do Projeto:**

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado.

O presente projeto procura, por meio da ótica da psicanálise, compreender as vivências de amor na contemporaneidade, procurando entender o papel das experiências amorosas na estruturação das subjetividades e dos processos de sofrimento psíquico. A partir de entrevistas semiestruturadas, o intuito é investigar aspectos sobre as experiências de desamparo e angústia na atualidade frente aos relacionamentos amorosos, bem como a relação ambivalente entre amor e ódio nessas relações. Assim, por meio da análise psicanalítica do discurso, busca-se entender como se dão os relacionamentos atuais e as formas de subjetivação dos sujeitos frente ao que vivenciam nestes.

Participarão da pesquisa 03 (três) pessoas, do sexo feminino e masculino, acima de

18 anos. Entre essas, pelo menos uma deverá fazer ou já ter feito uso de algum aplicativo de relacionamento. O recrutamento será feito através de uma amostra por conveniência.

Assim que houver a aceitação dos participantes, será solicitada a assinatura do TCLE (Anexo A). Posteriormente, serão agendados encontros via Google Meet com cada um dos participantes, separadamente, para a realização de entrevistas semiestruturadas, com um roteiro composto por algumas perguntas norteadoras.

### **Objetivo da Pesquisa:**

O objetivo primário consiste em investigar as vivências de amor na contemporaneidade, procurando compreender o papel das experiências amorosas na estruturação das subjetividades e dos processos de sofrimento psíquico.

Os objetivos secundários são os seguintes: (i) Analisar a relação de ambivalência entre os sentimentos de amor e ódio na atualidade. (ii) Compreender os modos como o desamparo é vivenciado pelos casais em nossa época. (iii) Analisar o papel da angústia no conflito, existente nas relações humanas, entre ódio e amor.

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

No que tange aos riscos, o pesquisador assevera: "Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais."

Registra-se que, de acordo com a Resolução nº 466/12, risco consiste na "possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente". Ainda, conforme o item III.1 da Resolução citada, na avaliação ética dos riscos deve haver a ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos. Na presente pesquisa, verifica-se que não há a probabilidade de que a pesquisa ocasiona aos participantes danos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

Com efeito, trata-se de uma pesquisa com risco mínimo na medida em que implica

tão somente a aplicação de instrumento a participantes que, conforme os dados do protocolo, não apresentam uma condição específica de vulnerabilidade. Sendo assim, a pesquisa não acarreta para o participante risco maior que os encontráveis na prática dos atos ordinários da vida cotidiana.

Com relação aos benefícios, o pesquisador enuncia que: "A participação poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema em questão."

### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa proposta apresenta relevância social e acadêmica.

A pesquisa apresenta orçamento adequado do ponto de vista ético.

Considerando que há um equívoco no cronograma da pesquisa no que tange ao início da pesquisa

envolvendo seres humanos, se parte do pressuposto de que foi apenas um erro material e que o pesquisador irá iniciá-la tão somente haja a emissão de parecer contendo a sua aprovação por este Comitê. Com efeito, a presente pesquisa aplica procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes, dessa forma, em relação à análise ética desses procedimentos metodológicos essa implica tão somente a verificação dos riscos que ocasionam para o participante e o seu impacto sobre os direitos dos participantes. Ademais, sublinha-se que não cabe ao Sistema CEP/CONEP a análise do desenho metodológico.

O instrumento que será aplicado aos participantes revela-se adequado, trata-se de entrevistas sobre aspectos pessoais concernentes à vida dos participantes, mas que se revelam razoáveis do ponto de vista da penetração da esfera de privacidade dos indivíduos em face da busca pela produção de conhecimento científico.

Constata que não há óbice ético, sob a ótica da Resolução nº 466/12, para a realização da presente pesquisa.

### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A Folha de Rosto não se encontra preenchida, contudo, houve a apresentação de mensagem eletrônica da qual consta a autorização para a realização da presente pesquisa.

A Resolução nº CNS 466/12, especificamente com seu IV.3, estabelece o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Consoante tal dispositivo, o Termo ora apresenta se encontra adequado.

**Recomendações:**

**Recomenda-se que o pesquisador observe o disposto no art. 28 da Resolução nº 510/16, quando à sua responsabilidade, que é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe: I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;**

II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento;

IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; e

V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção.

Observação: Ao final da pesquisa, enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Recomenda-se que o pesquisador refaça o cronograma para que expresse o fato de que a pesquisa envolvendo os participantes tão somente pode ser iniciada após a sua aprovação pelo CEP.

A presente pesquisa se encontra apta a ser iniciada.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 5.040.312/21, tendo sido homologado na 17ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 8 de outubro de 2021.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquiv o	Postagem	Auto r	Situaçã o
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_D O_P ROJETO_1810632.pdf	22/09/2021 11:07:17		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	22/09/2021 10:39:47	Mila Macêdo Veríssimo	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_.pdf	22/09/2021 10:27:39	Mila Macêdo Veríssimo	Aceito
Outros	Folhaderostopdf.pdf	22/09/2021 10:27:22	Mila Macêdo Veríssimo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	26/08/2021 09:41:25	Mila Macêdo Veríssimo	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASILIA,  
16 de Outubro  
de 2021

**Assinado por:**

**Marilia de  
Queiroz Dias  
Jacome  
(Coordenador  
(a))**